



**HISTÓRIA E MEMÓRIAS
DE
PARANAVÁI**

Frei Ulrico Govert, O. Carm.



FREI ULRICO

Frei Ulrico Goevert, O. Cam.

HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE PARANAÍ

Tradução e notas: *Frei Wilmar Santin, O. Carm.*



LIVRARIA NOSSA SENHORA DO CARMO
Caixa Postal 611
87701-970 – Paranavaí, PR
1ª edição – janeiro 1992

APRESENTAÇÃO

Os Padres Carmelitas estão comemorando 40 anos de presença de fé e vida em Paranavaí. Vasta programação foi elaborada e está sendo executada. Um dos pontos altos do programa é, sem dúvida, o lançamento deste livro de Frei Ulrico, como mais uma homenagem ao grande missionário carmelita.

Este não é um livro de História, como cientificamente se entende. Frei Ulrico apenas se preocupou em contar fatos e histórias de uma maneira muito agradável e com um tempero especial de humor. Aliás, o humor sempre foi uma das características de Frei Ulrico. Mesmo não sendo um livro científico, será sempre uma fonte importante para quem quiser pesquisar a História de Paranavaí.

Além de ser um livro de "História e Memórias" é sobretudo um testemunho de fé. Quem ler este texto também com os olhos da fé evidentemente fortalecerá a própria fé, pois somente a fé explica o porquê de uma pessoa deixar a sua pátria para ser missionário em outro país enfrentando todo o tipo de sofrimento. Somente a fé explica a razão pela qual Abraão deixou sua terra natal e partiu para o desconhecido. Assim também só a fé explica a saída de Frei Ulrico da Alemanha para ser mestre de noviços em Pernambuco. Somente a fé explica a coragem de Frei Ulrico em deixar o Nordeste e vir para o Sul. Por isso não foi mero acaso a chegada de Frei Ulrico aqui em Paranavaí. Quem ler com os olhos da fé perceberá que foi a mão de Deus que o conduziu até aqui. É emocionante ver a fé que Frei Ulrico tinha na presença de Cristo na Eucaristia e a importância que ele dava ao sacramento. É edificante ver como ele rezava nas horas de dificuldades. Oxalá cada leitor, ao terminar de ler este livro, saia fortalecido e comprometido na fé.

Apesar de se frisar muito a figura de Frei Ulrico, é necessário não esquecer os outros carmelitas alemães, que também deixaram a pátria e deram muito de si ao povo paranavaense. Neste sentido destaca-se Frei Alberto, hoje Dom Alberto - bispo de Dourados, que durante quase trinta e um anos trabalhou em Paranavaí. As dificuldades iniciais dele e de outros padres, Frei Ulrico conta neste livro.

O texto original foi escrito no final de 1957 e publicado mensalmente pela revista alemã Karmel-Stimmen, em 1958. Pelo fato de escrever para leitores da Alemanha, Frei Ulrico não teve a preocupação de fornecer certos detalhes ou citar nomes de pessoas. Mas como agora o livro é dirigido ao povo que viveu esta história e que é continuador da mesma, as coisas mudam. Por isso acrescentamos notas ao pé das páginas. Estas foram pesquisadas com muito cuidado em livros, documentos, cartas e em fontes orais.

Por último, salientamos que este lançamento não visa só homenagear Frei Ulrico, mas também manter viva parte da memória histórica do povo de Paranavaí e região. Povo sem PASSADO é povo sem FUTURO.

FREI WILMAR SANTIN, O. CARM.
Paranavaí, 20 de Janeiro de 1992
Festa de São Sebastião - Padroeiro da Cidade

HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE PARANAÍ

INTRODUÇÃO

Alguns dias atrás recebi uma carta do meu superior de Bamberg, o padre provincial Dr. Adalbert Deckert, incumbindo-me de escrever para a revista "Karmel-Stimmen" uma série de artigos sobre a nossa missão em Paranaí. Com muito gosto cumpri a tarefa de dar aos queridos leitores da nossa revista mensal, uma pequena descrição sobre como foi fundada a missão em Paranaí. Os trabalhos, preocupações desta nova fundação e também as alegrias serão aqui relatados. Para que eu não ficasse bitolado na História escolhi o título "HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE PARANAÍ". Visto que em nenhum momento tive a intenção de escrever livros ou mesmo artigos científicos, peço já, desde o começo, aos estimados leitores, para não serem exigentes demais com os meus rabiscos.

"Longo, longo tempo faz" diz uma antiga canção popular alemã e "longo, longo tempo faz", pode-se também dizer - e logo serão 25 anos - desde que os superiores da Província Carmelita Alemã pensaram em assumir no Brasil um trabalho missionário. Como a Província não tinha condições suficientes para enviar muitos padres, fui enviado sozinho no dia 14 de fevereiro de 1936 para me aclimatar e aprender a língua. Mais tarde seriam mandados outros. E realmente um ano depois veio outro padre ⁽¹⁾. Logo, porém, chegaram as aruaças nazistas e a guerra. Em consequência disto, o projeto missionário foi temporariamente adiado pelos superiores. Adiado, mas não abandonado. Em 1951, com a situação já normalizada, recebi a incumbência dos meus superiores de Roma e Bamberg para fundar no Sul do Brasil um posto missionário para a Província Carmelita Alemã. O Padre Geral deu-me, através do Provincial de Pernambuco, a ordem para procurar um lugar nos estados sulinos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, onde ainda não existia convento Carmelita.

À PROCURA DE UM LOCAL PARA UMA FUNDAÇÃO

Durante 15 anos estive trabalhando na Província Pernambucana sob a obediência dos superiores locais. Por 12 anos trabalhei como mestre de noviços ⁽²⁾ e o restante do tempo como missionário no interior do estado. Nestes anos adquiri muitos conhecimentos tanto nas grandes cidades como nas mais abandonadas regiões do sertão nordestino.

Escrevi, na época, para vários bispos do Sul do país pedindo uma paróquia para eu trabalhar. De alguns, não recebi qualquer resposta e de outros, só negativas. Por conseguinte tive que tomar outra iniciativa, desta vez ir pessoalmente para o Sul confiando na Providência Divina e na ajuda de Nossa Senhora do Carmo. Penosa foi para mim a despedida dos meus confrades brasileiros no Carmelo. Não era para menos, pois nos 15 anos em que lá estive, foi-me confiado orientar 18 jovens até os votos ou a ordenação sacerdotal. A despedida se tornou ainda mais difícil pelo fato de ter que deixar os meus afeiçoados e leais conterrâneos alemães. Nos anos seguintes à guerra, nós, alemães, tínhamos fundado em Pernambuco um comitê de ajuda à Alemanha. Este comitê estava incorporado à Cruz Vermelha Brasileira. Com isto pudemos aliviar a miséria da nossa gente. Houve alemães em Pernambuco que venderam suas próprias casas para enviar ajuda à pátria necessitada. E muitos, que não tinham propriedades para vender, venderam seu

¹ Frei Afonso Balsieper. Mais tarde deixou de ser carmelita e como padre diocesano passou a se chamar Pe. José. Trabalhou muitos anos como vigário em Rondon, PR. Faleceu dia 24 de fevereiro de 1981.

² Frei Ulrico chegou em Recife no dia 1º de março de 1936. Foi direto para o convento de Goiana, PE. Ali, no dia 19 de março, iniciou o seu trabalho como mestre de noviços. Como não sabia Português, dava aulas em Latim. Em novembro de 1940 mudou para o convento do Recife.

próprio sangue nos Bancos de Sangue para enviar pacotes à Alemanha com o dinheiro recebido. As quase 300 famílias alemãs, que se encontravam em Pernambuco, me escolheram como presidente desse Comitê de Ajuda. Que alegre surpresa encontrar tantos alemães no aeroporto, no dia 26 de agosto de 1951! Todos eles me pedindo para ficar. Com muita satisfação eu ficaria, mas para um religioso a obediência está acima de tudo. Eu me despedi. Ao secretário do nosso Comitê de Ajuda, o Sr. Josef Hirschle, passei a presidência, até a nova eleição. Em lágrimas ele me pediu: "Senhor Frei Ulrico, fique conosco". Para mim também não foi um momento de rir e lhe respondi: "Não é possível! Deus quer isto e quem obedece não pode errar".

Assim embarquei no avião quadrimotor. Alguns minutos após, a máquina fez um arco e foi subindo. Pouco tempo depois de iniciado o vôo o nosso aparelho retornou ao aeroporto. O comandante tinha esquecido alguns papéis importantes. Meus conterrâneos alemães e confrades ainda estavam lá e quando então a porta se abriu, eles gritaram para mim: "Deus não quer que o senhor vá embora, desembarque. Fique aqui". Mas eu fiquei sentado e com o lenço, com o qual tinha enxugado minhas lágrimas, acenei aos queridos conterrâneos o "adeus".

Depois, com algumas escalas, cheguei ao Rio de Janeiro. Nunca esquecerei a magnífica vista que a Cidade Maravilhosa me ofereceu. Entendi o porquê do título: "a mais bela cidade do mundo".

O avião sobrevoou-a descendo lentamente. Pude ver através de uma brecha entre as nuvens, a enorme estátua do Cristo Redentor. Num piscar de olhos me veio o pensamento: "Por amor a Vós e à Vossa Mãe eu estou aqui. Por amor a Vós quero de bom gosto desembarcar e lá embaixo para Vós lutar e trabalhar".

Um ônibus da companhia aérea me levou em poucos minutos até o Convento do Carmo. Lá encontrei o ilustríssimo Procurador Geral da Ordem do Carmo o Frei Baptista Blenke, carmelita de grande religiosidade e erudição. Por decênios trabalhou na Província do Rio de Janeiro e por isso ele conhecia bem o Brasil e principalmente os estados sulinos. Com ele troquei idéias longamente sobre o "onde" e "como" da nova fundação.

No dia seguinte, um domingo, por coincidência, o excelentíssimo arcebispo de Curitiba celebrou uma missa solene para a Congregação Mariana na Igreja dos Jesuítas no Rio de Janeiro. A este arcebispo eu havia enviado uma carta através do Padre Provincial de Pernambuco. Após a missa apresentei-me, sendo por ele encaminhado ao seu vigário geral. Este deu-me a entender que ele não poderia dar-me uma decisão a curto prazo e que na diocese de Curitiba havia poucas possibilidades de satisfazer o meu desejo. Depois desta primeira desilusão viajei no mesmo dia para São Paulo, onde eu, conforme me informaram, poderia encontrar o provincial dos franciscanos. Quando o avião noturno estava pronto para decolar, caiu um terrível temporal. Em todos os cantos relampejava e trovejava como eu nunca tinha visto e ouvido. Um passageiro devolveu a passagem e disse: "Eu tenho mulher e filhos, por isso não me atrevo a embarcar com este tempo". Confesso honestamente que também fiquei com medo. Mas eu pensei: "Se a tripulação cumpre a sua obrigação com este tempo, então eu, como Carmelita, não devo ser inferior a este pessoal". Embarcamos e logo o avião decolou. Em pouco tempo as nuvens tinham sido atravessadas e pela primeira vez na vida pude observar um temporal de cima. Foi um maravilhoso espetáculo; a lua estendia sua luz prateada sobre as nuvens, as quais pareciam como gelo e entre as nuvens cintilavam relâmpagos, os quais, num segundo, transformavam a cor de gelo em branco como a neve. Eu peguei o meu breviário e rezei as laudes ⁽³⁾ com o salmo: Benedicite... no

³ Laudes é a oração da manhã da Liturgia das Horas, que os padres e as irmãs devem rezar diariamente.

"As Laudes ou Oração da manhã são uma celebração diária da ressurreição de Cristo e de todos os cristãos, seus membros. O sol que desponta, o novo dia que surge, o levantar-se, o começar do trabalho, lembram ao cristão a Ressurreição de Cristo e sua ressurreição com ele, pelo que ele rende graças a Deus.

Nesta experiência pascal do romper de cada dia, em que Deus tudo recria pelo seu poder maravilhoso, o

qual os 3 santos cantores convidam as nuvens, o gelo e a neve para louvarem ao Senhor ⁽⁴⁾. O vôo foi rápido e logo chegamos em São Paulo. Já de longe via-se uma enorme quantidade de luzes brilhando e quando nós chegamos mais perto, pudemos assistir a uma maravilha de luzes sob os nossos pés. Sobre as nuvens eu tinha podido contemplar, do avião, o mar de estrelas de Deus e agora este mar de luzes acesas pela mão do homem. Em calmo pouso o nosso avião alcançou a clara e luzente pista. Um táxi levou-me ainda antes da meia-noite para o Convento do Carmo, onde o Padre Prior me recebeu cordialmente e me indicou um quarto para dormir. Com uma oração ao meu melhor amigo, o Santo Anjo da Guarda, adormeci profundamente e acordei na manhã seguinte, só às 7 horas. Depois da celebração da santa missa tomei o café da manhã e fui até o convento dos franciscanos, onde infelizmente não encontrei mais o padre provincial. Seu assistente, todavia, se prontificou para me dar em nome do padre provincial informações sobre o meu assunto. Depois de eu lhe haver apresentado o plano dos meus superiores, ele esclareceu-me que não me poderia indicar um local apropriado à nova fundação.

Com mais esta frustração retornei triste para o nosso convento. Na recreação, onde todos os padres carmelitas de São Paulo estavam reunidos, perguntei se algum deles não poderia me dar uma sugestão. Então o Frei Jerônimo van Hinthem disse que ele era um grande amigo do bispo de Jacarezinho no Estado do Paraná. Este bispo, além disso, era um grande devoto de Nossa Senhora do Carmo.

Na manhã seguinte pedi ao bispo, por meio de um radiograma, uma audiência para tratar da minha proposta. Poucas horas mais tarde chegou a resposta afirmativa. Agora eu tinha uma esperança nova. Parece que a querida Mãe do Carmelo queria agir pessoalmente através de um devoto seu. Nesta suposição não me admirei como os acontecimentos se desenvolveram. O padre prior Frei Bonifácio conseguiu com o diretor da Rede Ferroviária uma passagem grátis para mim. Um dia e meio e duas noites durou a minha viagem de trem até uma cidadezinha chamada Ourinhos. De lá, fui até o palácio episcopal de Jacarezinho, de ônibus. Ao porteiro comuniquei o meu desejo de falar com o bispo. Ele retornou com a resposta de que o ilustríssimo senhor iria receber-me em audiência às 3:15. Até chegar a hora foi-me dado um quarto. Pontualmente às 3:15 chegou o empregado e me disse: "Sua excelência está esperando pelo senhor"!

Após dar-me a bênção episcopal, ele pediu-me, para sentar e apresentar os meus desejos. Entreguei-lhe a carta de apresentação do seu amigo, Frei Jerônimo, e os documentos de Roma e Bamberg. Depois de ter lido os papéis, o bispo me disse num alemão correto: "Os seus superiores parecem ter grande confiança no senhor e eu quero unir-me a eles neste sentido. Ajudá-lo-ei por amor à Mãe de Deus". É compreensível que ao ouvir estas palavras o meu coração bateu como o rabo de um cordeirinho. Ele levantou-se de sua cadeira e conduziu-me até o mapa da sua enorme diocese. Mostrou-me cinco cidades com paróquias vagas e disse-me: "Aqui, escolha uma para o senhor"!

Eu respondi que confiante colocaria a nova fundação em suas mãos, pois ele deveria saber bem onde eu poderia satisfazer os desejos dos meus superiores. Após uma reflexão ele me disse: "Eu tenho ainda uma paróquia, que é a maior da minha diocese, terra nova onde tudo deve ainda ser organizado. E esta tem uma superfície de 12.000 km². Chama-se Paranaí" ⁽⁵⁾,

homem acolhe tudo como dom de Deus, consagra a Deus a sua vida, o seu trabalho, sua obra criadora, participando do poder criador de Deus. O homem em Cristo ressuscitado olha com otimismo para o novo dia. É Cristo ressuscitando todos os dias pela ação de graças do homem que vive no Cristo. Eis o sentido e o valor de toda oração da manhã". (Beckhäuser, Frei Alberto. "Celebrar a Vida Cristã", Vozes, Petrópolis, 1984, pág. 232).

⁴ Não é propriamente um salmo, mas um hino que está no livro do Profeta Daniel 3,52-88. Este hino é rezado nas Laudes, aos domingos.

⁵ Frei Ulrico contava que o bispo ainda disse: "É um lugar para onde ninguém quer ir. Nem os capuchinhos quiseram aceitar esta paróquia".

Decidi rapidamente e respondi ao meu novo bispo: "Então é esta que eu quero e por amor à nossa Ordem eu peço para o senhor me entregá-la". O bispo apertou-me a mão e disse: "A paróquia pertence à Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo". Ajoelhado beijei o anel de sua excelência e pedi a sua bênção. Lágrimas de agradecimento apareceram-me nos olhos e o bispo disse: "Vá agora para o seu quarto e na hora da janta, às 7 horas, nos veremos novamente. Em seguida conversarei mais uma vez com o senhor e lhe darei alguns conselhos para o seu novo apostolado. Amanhã cedo, após a santa missa, dar-lhe-ei seu protocolo de nomeação e com o trem das 9 horas o senhor poderá ir até Apucarana".

Mais tarde, sozinho no meu quarto, agradei do fundo do coração à querida Mãe do Carmelo.

VIAJANDO

O reverendíssimo senhor bispo me aconselhou a não viajar de avião, mas com trem até Apucarana, uma cidade que fica mais ou menos a 200 km de Paranavaí, pois com isto eu poderia ver como pouco a pouco se sai de uma região já colonizada e entra-se numa em colonização.

Assim como em ambos os lados do rio Reno as vinhas se estendem quase sem fim, também aqui, ladeiam a estrada de ferro, as imensas plantações de café, o ouro verde do Brasil. Em Apucarana entreguei a carta do reverendíssimo senhor bispo ao Provincial dos Josefinos. Nela, estavam as instruções para que ele se encarregasse de me levar a Paranavaí e também de me dar posse em nome de sua excelência. Naquela noite dormi pessimamente na casa paroquial. Durante 15 anos morei em Pernambuco, onde tanto de dia como à noite fazia calor e às vezes até demais. Mas agora eu estava apenas há alguns dias no Sul do Brasil e o termômetro marcava só 15 graus positivos. Isto me gelou a noite toda.

Na manhã seguinte celebrei a santa eucaristia numa igreja de madeira e depois dei uma olhada na cidade. Todas as casas são construídas de madeira e as ruas de um barro amarelo. Ventou e uma nuvem de pó amarelado foi se formando de maneira que só se podia ver poucos metros distante. Por causa do denso pó, todos os carros trafegavam em pleno dia com as luzes acesas, do mesmo jeito que na Alemanha quando uma espessa neblina cobre a terra. Ao meio-dia começou a chover e em poucos minutos as "ruas" tornaram-se tão escorregadias, que era necessário verdadeiramente dois anjos protetores para não nos deixarem escorregar ou cair. Depois disso o provincial ainda tomou algumas precauções para a viagem e nós fomos em direção a Paranavaí em um pequeno ônibus. Novamente o mesmo quadro, como antes na estrada de ferro: nos lados direito e esquerdo da estrada, imensas plantações de café, até Maringá, uma pequena cidade ⁽⁶⁾, onde nós tomamos um lanche num boteco. Pouco depois de termos saído de Maringá o quadro mudou completamente. Pela primeira vez vi a mata virgem do sul brasileiro. Enormes superfícies foram desmatadas nas semanas anteriores, pois o final de agosto e começo de setembro é o chamado "tempo das queimadas". Em monstruosas colunas, subia a fumaça céu acima e cobria o sol. Como um prato muito avermelhado estava o sol no horizonte. Uma cinza branca caía suavemente no solo. A cinza parecia como neve suja. As superfícies queimadas, causavam uma desoladora impressão! Enormes árvores deitadas como corpos mortos no solo e, ao lado, arbustos meio queimados, estendiam seus poucos galhos nus, como que suplicando aos céus ajuda. O provincial leu aparentemente meus pensamentos e polidamente disse: "O senhor deverá se acostumar com este triste aspecto".

⁶ Naquela época Maringá ainda era um distrito de Mandaguari. Tornou-se município pela lei Estadual n° 790, de 19 de novembro de 1951. A lei 790 foi a mesma que também criou o município de Paranavaí (Fonte: IBGE - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - volume XXXI -1959).

Quando chegamos perto da pequena cidade Capelinha ⁽⁷⁾ ele informou-me; "Aqui é a divisa da sua paróquia. Ainda faltam apenas 80 km e então o senhor estará lá". Pouco a pouco a terra roxa foi mudando e tornando-se cinza claro, uma mistura de barro e areia. Ao anoitecer chegamos finalmente em Paranaí.

CHEGANDO

Pedi ao provincial para primeiramente me levar à igreja. Sem me dar resposta, parou diante de uma casa de madeira, sem telhado e com uma pequena torre: "Esta é a igreja ⁽⁸⁾. Ela deve ser novamente coberta e aumentada. Este deverá ser o seu primeiro trabalho. Há ainda um pouco de dinheiro de uma festa que o povo fez. Meu Confrade, padre Carlos Ferrero, que nos últimos meses tomou conta da paróquia, explicar-lhe-á tudo, amanhã". Então fomos à casa paroquial, que era uma casinha coberta com telhas ⁽⁹⁾. Os seus móveis dá pra rapidamente descrever: 1 mesa, 4 cadeiras, 2 armários e 2 camas. Nem um fogão havia. Para o pernoite as 2 camas não eram suficientes, por isso o padre Carlos dormiu na casa de um vizinho e o provincial e eu nos alojamos ali mesmo.

No dia seguinte - era um sábado - celebramos a santa missa na casa paroquial, pois a igreja não tinha telhado. Fraternalmente nos ajudamos mutuamente. Em cima da mesa, improvisada como altar, estava um quadro de Nossa Senhora das Dores. Oh, como eu lhe supliquei para me ajudar. Após a missa fomos à casa de um vizinho e pedimos café com pão, o que nos foi alegremente dado. Depois disto, juntos demos uma olhada no centro da cidade. A chamada "cidade" tinha naquela época mais ou menos 60 casas, todas de madeira e nenhuma sequer de tijolos. Muitas delas de jeito algum seriam classificadas como "casa" de acordo com o conceito alemão. De uma destas casas um alto-falante vociferava, no mais autêntico sentido da palavra, as últimas novidades ⁽¹⁰⁾. O provincial achou que devíamos utilizar desde já este progresso da cultura. E imediatamente comunicou ao povo que no dia seguinte, domingo, haveria duas santas missas e que ele, por incumbência do reverendíssimo senhor bispo, iria dar posse ao novo pároco, Frei Ulrico Goevert, na segunda missa.

O dia seguinte, 2 de setembro de 1951, foi então o dia da posse. Como a igreja não tinha telhado, celebramos o santo sacrifício numa espécie de barraca. Ela não tinha paredes, mas pelo menos estava coberta com madeira. Na segunda missa o provincial me apresentou como pároco a um pequeno número de fiéis e entregou-me em nome do bispo a estola e o decreto de nomeação. No meu primeiro sermão, que fiz como novo pároco da comunidade, pedi principalmente para confiarem em mim e me ajudarem a cobrir a igreja. Com isto nós poderíamos em alguns dias novamente ter o Santíssimo Sacramento entre nós. Assim como na natureza todos os homens, animais e plantas têm necessidade do sol para viver, do mesmo jeito uma paróquia precisa do Santíssimo Sacramento, o Salvador em forma de pão ⁽¹¹⁾. Bem poucos homens - eu podia contar nos dedos - vieram a mim depois da santa missa e me deram a mão dizendo: "Nós o ajudaremos, senhor vigário".

⁷ Hoje Nova Esperança. Nome dado à localidade pela Lei Estadual n° 790, quando foi elevada à categoria de município (Fonte: IBGE - idem).

⁸ Média 7x10 metros e estava situada na Rua Pará, onde hoje fica o estacionamento e os banheiros da Praça João XXIII.

⁹ Estava localizada na Rua Getúlio Vargas (na época chamava-se Rua Sergipe) esquina com a Rua Dr. Sílvio Vidal (na época, Rua Maranhão), atrás da atual Igreja São Sebastião.

¹⁰ O Alto-falante pertencia ao Sr. Ephraim Marques Machado. Chamava-se "Rede de Projetores Voz Democrática". Funcionava na Rua Getúlio Vargas, onde hoje situa-se o Banco do Brasil, numa barraca do tipo de "tiro ao alvo" de um parque de diversões. Foi instalado no início de 1950. A energia elétrica era fornecida pelo Posto Gulf, que pertencia ao Sr. Tomaz Estrada. Funcionou até 1956 quando o Sr. Ephraim inaugurou a Rádio Cultura.

Anteriormente o Sr. José Ferreira de Araújo, cujo apelido era Palhacinho, já havia instalado um serviço de alto-falante (Cf. Soares da Silva, Paulo Marcelo - História de Paranaí, pág. 101).

¹¹ Cf. Jo 6.

O que eles prometeram, cumpriram Em mais ou menos 10 dias a construção estava pronta e coberta com eternit. Assim eu pude celebrar o primeiro santo sacrifício na minha nova igreja paroquial. Na ocasião recordei-me das minhas primeiras missas na Igreja do Carmo de Bamberg e na minha aldeia natal Darfeld. Como foi totalmente diferente! Só quatro pessoas estavam presentes e quando me virei para dar a bênção final ⁽¹²⁾, fora essas pessoas, estavam presentes ainda meia dúzia de cachorros, na minha igreja. Eles haviam encontrado a porta aberta e indevidamente fizeram uso da mesma entrando na casa do Pai. Aliás, é oportuno dizer que Paranavaí tem uma superprodução de cães e muitos deles são tão devotos que até mesmo em dia de semana vão para a igreja. Hoje ainda - e 6 anos já se passaram - devo continuar a minha luta contra os cachorros. Na nossa nova e grande igreja, que nós construímos neste entremeio, eles às vezes me visitam durante a santa missa no altar-mor. Ao reverendíssimo senhor bispo fiz a proposta para que cada fiel ganhasse 25 dias de indulgência ao dar um bem intencionado pontapé num cachorro dentro da igreja. Sua excelência riu cordialmente sobre isto, mas não deu o decreto para se ganhar as indulgências. Alguns cachorros têm boa memória. Muitas vezes eu pessoalmente dei-lhes chutes. Quando eles me vêem na rua começam já de longe a rosnar e latir. Algumas semanas atrás, um me mordeu na barriga da perna. Mas já tomei os devidos cuidados para que este cachorro não me morda novamente. Geralmente eu sou um verdadeiro amigo dos animais, porém esta calamidade é-me grande demais.

NOSSA IGREJA

Agora voltamos a falar sobre a nossa igreja. Logo após à primeira missa tomei providências para que as imagens dos santos fossem reunidas e recolocadas na igreja, pois durante o período da reforma elas ficaram desabrigadas no mais verdadeiro sentido da palavra.

O padroeiro de Paranavaí é São Sebastião. Pelo fato de ser realmente vantajoso, quero contar o porquê de São Sebastião ter se tornado padroeiro da igreja e como a sua imagem chegou aqui. Quando, em 1944, os primeiros colonos se instalaram em Paranavaí, trouxeram consigo também alguns animais, principalmente cabras e porcos. Pouco tempo depois de os colonos terem começado a criação de animais em grande escala, chegou a peste e dizimou um grande número de porcos. Na sua grande aflição, os camponeses chegaram à conclusão de que deviam fazer uma promessa. Se Deus os livrasse da peste suína, eles fariam de São Sebastião o padroeiro da futura igreja. A peste realmente acabou e o povo cumpriu o prometido. Um deles foi a São Paulo com caminhão e trouxe de lá a estátua de São Sebastião ⁽¹³⁾. Ela é de gesso e mede aproximadamente 1,30 m. Na casa do agricultor ficou guardada a imagem até a construção da primeira capela.

Durante o período em que a igreja esteve sem telhado, as imagens de São Sebastião e Nossa Senhora das Dores ficaram na casa paroquial. As outras imagens foram levadas para as casas dos fiéis. Após uma busca, encontrei ainda as imagens de Nossa Senhora Medianeira, São José, Santa Terezinha e Santo Antônio de Pádua. Eu as levei todas de volta para a igreja. Isto demonstra que o brasileiro é um grande venerador dos santos.

Grande foi a minha alegria quando pela primeira vez pude acender a luz do sacrário. Naquele momento eu me recordei das palavras do meu bom e antigo provincial, padre Clemens Maria Puchner ⁽¹⁴⁾, na despedida de Bamberg quando eu partia para Pernambuco: "Frei Ulrico, você vai sozinho para um país estrangeiro, talvez nós nunca mais nos vejamos, mas em cada convento há uma igreja, onde a luz do sacrário brilha. No tabernáculo está o nosso melhor Amigo sempre em casa". Muitas vezes me lembrei destas palavras, principalmente nos meus primeiros anos no Brasil. E quando no dia 12 de setembro de 1951

¹² Naquela época a missa era em Latim e o padre ficava de costas para o povo.

¹³ Segundo se conta quem doou a imagem foi o Sr. Genaro Pienaro.

¹⁴ O Pe. Clemens foi provincial de 1931 a 1946. Faleceu dia 17/03/66.

a luz do Santíssimo foi acesa, eu estava completamente sozinho na igreja e ali senti a verdade daquelas palavras de despedida. Ajoelhei-me diante do meu Amigo no tabernáculo e lhe prometi: "Salvador, enquanto os carmelitas estiverem aqui, esta luzinha nunca se apagará",

Eu gostaria muito de ter uma imagem de Nossa Senhora do Carmo e eis que 14 dias depois, chegou uma grande caixa de São Paulo. Em cima estava escrito: "Um presente para a igreja paroquial de Paranaí". Como fiquei alegre e surpreso ao abrir o caixote e deparar com uma bela imagem de Nossa Senhora do Carmo. Eu a benzi e a coloquei ao lado do altar. Agora a Mãe estava na minha casa e eu me sentia abrigado. Agradecido prometi difundir a sua devoção principalmente por meio do escapulário. Desde então, em muitas pregações, falei a respeito do grande e abençoado presente da Mãe de Deus, e os poucos fiéis, que na época iam à igreja, em pouco tempo passaram a usar o escapulário. Percebi a grande graça que emanava do escapulário: os que usavam o escapulário tornavam-se fiéis freqüentadores da missa dominical e assíduos à recepção dos sacramentos. Mas eu ainda não sabia de fato quem nos tinha dado de presente a estátua. Nesse entremeio, passaram-se algumas semanas, quando num certo dia chegou um homem de calça, camisa e longas botas na igreja me perguntando: "O Senhor recebeu uma imagem da Mãe do Carmelo?" Eu lhe mostrei a estátua e ele confiante olhou para a imagem da Mãe de Deus, beijou o escapulário e disse; "Desejo que ela proteja a mim e à minha propriedade". Respondi-lhe "E eu desejo que ela proteja a mim e a todos os paroquianos". O estranho então confiantemente retrucou: "Isso ela fará, pois ela tem um manto largo onde há lugar para todos nós".

FREI ESTANISLAU

Eu estava realmente bem acompanhado. Eu tinha um tabernáculo com o querido Salvador e estava sob a proteção da padroeira da Ordem, Nossa Senhora do Carmo. O que poderia ainda me faltar? Mas algo me oprimia e nos primeiros dias não sabia o que era. Eu sempre havia morado num convento e convivido numa comunidade com muitos confrades e agora estava totalmente sozinho. Faltava-me um confrade com o qual pudesse conversar e planejar as atividades. A solidão caiu pesada sobre mim. Pedi aos pais do coroinha mais velho para que deixassem o seu filho ficar comigo na casa paroquial até que um confrade chegasse em Paranaí. Para minha decepção, alguns dias mais tarde, constatei que uma parte do dinheiro da coleta tinha desaparecido por si mesmo. Então mandei o menino de volta para casa e nunca mais o dinheiro sumiu "por si mesmo".

Em Pernambuco eu havia pedido ao provincial para me enviar junto um irmão leigo, a fim de que eu não estivesse totalmente sozinho. Ele poderia também me ajudar um pouco a cuidar da casa. Combinamos que o Frei Estanislau ⁽¹⁵⁾ chegaria aproximadamente um mês mais tarde. Este Frei Estanislau tinha uma alma sem mácula e um coração de ouro.

No dia 3 de outubro de 1951, festa de Santa Terezinha ⁽¹⁶⁾, ele chegou até onde eu estava. Como eu fiquei feliz! Já no dia seguinte fui com ele ao comércio e compramos à prestação um fogão e os utensílios necessários para a cozinha. Depois da compra de roupa

¹⁵ Frei Estanislau nasceu no dia 28/09/1924 em Gravatá, PE, e foi balizado com o nome de Agripino José de Souza. Entrou na Ordem do Carmo em Recife, onde foi noviço de Frei Ulrico. Em Paranaí ajudou Frei Ulrico até dezembro de 1955. Após esta data deixou a Ordem e trabalhou alguns anos no Rio de Janeiro. Retornando a Paranaí iniciou os estudos para chegar ao sacerdócio. O ginásio fez na Escola Paroquial e o clássico no Colégio Estadual. Em 1970 foi para Curitiba, onde fez o noviciado e os estudos de Filosofia e Teologia. Aos 50 anos de idade foi ordenado sacerdote no dia 16/03/1975. Após a conclusão do curso de Teologia no final de 1975, foi transferido para Paranaí, onde dedicou-se especialmente à Vila Operária. Ali construiu a igreja, o salão de festas e salas de catequese. Em fevereiro de 1988 foi para Querência do Norte para trabalhar como pároco. Faleceu no dia 17/05/89. Está sepultado na cripta da Igreja São Sebastião de Paranaí.

¹⁶ Com a Reforma Litúrgica empreendida pelo Concílio Vaticano II a festa de Santa Terezinha foi antecipada para 1º de outubro.

de cama, o nosso caixa ficou vazio que nem um ninho de passarinho no natal ⁽¹⁷⁾. Eu disse ao Frei Estanislau: "Epa, agora nós devemos realmente economizar!" Sobre isto ele retrucou: "Isso nós não podemos, pois já não temos mais dinheiro para economizar". Com o seu sadio humor ele me tirou muitas preocupações da cabeça. Nas dificuldades ele era tão engenhoso, que eu ficava muitas vezes admirado. Naqueles velhos tempos havia em Paranaíba somente uma vez por semana carne para se comprar. Então ele me disse um dia: "Se o senhor quiser, eu arrumo carne para a semana toda e não custa um centavo. Só que eu deverei sair amanhã bem cedo e voltar bem tarde da noite. Como eu vou conseguir é um segredo o qual não vou revelar agora". Sabendo que ele seria incapaz de fazer algo errado, dei-lhe a licença. Na noite do dia seguinte chegou em casa às 8 horas com uma mochila cheia de passarinhos e pequenos animais que havia caçado. Ele mesmo preparou os pássaros. Alguns ele salgou e assim tivemos por alguns dias uma mesa farta. De bom grado eu dei-lhe licença para ir caçar duas vezes por mês, e sempre ele retornava com um recheado saco. Não caçava somente pássaros silvestres, mas também alguns animais como veados, porcos do mato (queixadas) e pacas. Quando certa vez matou um macaco, ele chegou em casa muito aflito e disse: "Hoje nós fizemos a caçada num bando de macacos, que sempre estragavam a roça de milho de um colono e um deles que eu derrubei, caiu ferido nos meus pés. Ele gritava igualzinho a uma criança e estendia-me as suas mãozinhas ensangüentadas, como que pedindo a minha ajuda. Foi terrível! Nunca mais vou atirar num macaco e mesmo que eles ainda roubem todo o milho ⁽¹⁸⁾". Logo, porém, a caça nos arredores de Paranaíba foi diminuindo.

Aqui cada um pode caçar quando e onde quer. Uma carteirinha de caçador não há. Um dia o Frei Estanislau chegou até mim pedindo para poder emprestar um cavalo dos seus amigos e assim poder ir caçar por dois ou três dias na floresta. Como eu conhecia bem os seus amigos permiti. Assim ele organizava a caçada, passava alguns dias no mês caçando e ia sempre a cavalo. De repente passaram-se alguns meses sem que ele fosse caçar. Um dia perguntei-lhe pelo motivo e Frei Estanislau respondeu: "Na última caçada aconteceu-nos algo que nunca mais vou esquecer. Nós arrumamos um lugarzinho no meio do mato, amarramos os cavalos nas árvores e providenciamos as coisas para passarmos a noite. Repentinamente escutamos bem pertinho o miado de uma onça. Ficamos muito assustados e rapidamente pegamos nossas espingardas. Duas luzes esverdeadas brilharam e desapareceram novamente. Nós ficamos congelados. Alguns minutos mais tarde ouvimos outra vez o miado, mas já estava mais longe de nós. Pensar em dormir não foi mais possível". Frei Estanislau passou a caçar mais raramente e nunca mais pernitoou no mato.

Certo dia, quando a festa da Páscoa se aproximava, Frei Estanislau me disse: "Em breve estaremos na Semana Santa e em nenhum lugar há vela de cera para vender. Se o senhor me permitir, buscarei cera no mato". Há mesmo na mata abelhas silvestres. Elas constroem suas colméias aqui e ali numa árvore muito alta em torno de um grosso galho. Um dos seus amigos indicou-lhe uma colméia de aproximadamente um metro de diâmetro. Na Semana da Paixão ele foi para o mato. Com dois amigos derrubou em dois dias uma grossa peroba, parecida com o carvalho da Alemanha. As abelhas não deviam estar de acordo, pois picaram furiosamente seus agressores. Estes, porém, não desanimaram e tiraram dos favos, 5 litros de mel. Uma grande quantidade ainda escorreu pelo chão na caída da árvore. Então os 3 caçadores de mel fizeram um fogo. Numa caçarola derreteram a cera fazendo uma bola. Na noite do domingo de Ramos, o Frei Estanislau voltou para casa. Seu rosto por causa das ferroadas estava tão inchado que não dava nem para reconhecê-lo. Com um triunfante sorriso ele me disse que tinha trazido quase 10 kg de cera. Na segunda-feira ele começou fazer as velas e na Semana Santa toda a igreja ficou cheia

¹⁷ Ao contrário daqui, o Natal na Alemanha cai durante o inverno, por isso não é época de os pássaros terem filhotes.

¹⁸ Este fato Frei Estanislau contava com muito pesar até o fim de sua vida.

de um agradável odor de mel e cera.

Visto que estou contando sobre o Frei Estanislau, quero aqui continuar e relatar como este irmão leigo, que é negro, me ajudou nestes primeiros anos. Nunca esquecerei como preparou a primeira festa do natal. Aqui dezembro cai em pleno verão e faz um calor terrível. Pelo fato de as crianças gostarem muito do Frei Estanislau, ele foi com um grupo delas e alguns jovens, no mato e na roça dias antes do natal, buscar o material necessário para montar um presépio. Um presépio, contendo 24 insignificantes figuras de gesso com aproximadamente 10 cm de altura, já havia. Para não destruir-lhe a alegria, deixei o Frei Estanislau sozinho com seu trabalho. Ele deveria construir seu presépio de maneira independente. Finalmente tudo estava pronto, quando após a Missa do Galo, a cortina caiu. O presépio não era totalmente do meu gosto. Havia muitas coisas e coisinhas que realmente não tinham nada a ver com o presépio de Belém. Mas, ao povo o presépio agradou muito e principalmente às crianças, que não se cansavam de tanto vê-lo. Então eu pensei: o presépio não é para o missionário alemão, mas para o povo que mora aqui. E como cada povo tem as suas particularidades e deve conservá-las, assim deve expressá-las também no presépio. Por isso parabeneizei cordialmente o Frei Estanislau pela sua bem sucedida obra.

Desde a nossa chegada, em setembro e outubro respectivamente, muita coisa já tinha mudado e também melhorado. Na noite de natal atendi confissões até às 11 horas. Então chegou Frei Estanislau e me pediu alguns paramentos para a procissão. Na casa paroquial ele tinha arrumado um Menino Jesus de mais ou menos 40 cm entre duas velas e reunido cem crianças, todas vestidas de branco. Numa festiva procissão de crianças o Menino Jesus foi levado para a igreja pelas mãos dos pequeninos. Entusiasmadamente elas cantavam; "Nasceu o menino Deus". Muitas pessoas choraram de alegria. Também me amoleceu o coração quando recebi dos braços de uma inocente criança o querido Menino Jesus, e o coloquei na manjedoura, enquanto os demais cantavam de acordo com a velha melodia alemã: Noite feliz...

Para ensinar às crianças o catecismo era necessário começar com as aulas logo. Nas missas de domingo pedi aos pais para enviarem os filhos aos domingos à tarde para a igreja. Frei Estanislau aceitou os meninos e para acompanhar as meninas colocou-se à disposição a professora Irene Patriota ⁽¹⁹⁾ da escola estadual. Aqui, não é como na Alemanha, onde as crianças têm aulas de religião na escola. Quando se quer cativar as crianças, não se pode chegar com aulas secas, mas deve-se inventar brincadeiras e ocupar-se desta maneira com elas. Logo havia uma bola para as meninas, e para os meninos naturalmente futebol. Como não poderia deixar de ser, em poucas semanas foi fundado um magnífico Futebol Clube do Catecismo e a praça em frente à nossa igreja tornava-se sempre mais animada.

Assim, no belo mês de maio consegui fazer a Primeira Comunhão das crianças.

ISTO E AQUILO DE JOÃO E MARIA

Por ser difícil encontrar registro de nascimento e certidão de batismo aqui neste país, os bispos decidiram que em lugar da certidão de batismo é válido o juramento dos pais ou dos parentes mais próximos. Então chegou até mim uma mocinha com seu namorado. Queriam casar e ela afirmava ter 16 anos de idade. O pai estava preparado para sob juramento confirmar, porém eu percebi que o que ele queria mesmo era se livrar da filha. Também a mocinha me pareceu bastante miúda e não desenvolvida o suficiente para essa idade. Por isso expliquei para eles o castigo de Deus para os perjúrios e interroguei aos presentes quem poderia me jurar além do pai, que a noiva tinha 16 anos. Dito isto ergueu-

¹⁹ Irene Gomes Patriota nasceu no dia 25/09/1921, no distrito de Angelim, que na época pertencia a Garanhuns, PE. Chegou em Paranavaí no dia 17/11/1944. Após a morte de seu pai, Sr. Leodegário Gomes Patriota, acontecida no dia 17/01/1963, mudou-se para Curitiba. Desde o dia 16/10/70 mora em Apucarana.

se um homem e disse: "Eu juro que a menina tem 13 anos e 8 meses, eu sei quando e onde ela nasceu". Dirigi-me então ao pai da menina e dei-lhe uma pesada lição moral que o fez ficar mudo. A "noiva", porém, tomou o seu todo amado pelo braço, e disse furiosa: "Se o vigário não quer nos casar então nós vamos dormir juntos assim mesmo". Irritado dei a resposta: "Vocês poderão na verdade esta noite dormir sob o mesmo teto, mas em duas celas separadas, na Cadeia! Em poucos minutos o juiz de menores encarregar-se-á de vocês". Isso é claro que o pai também não queria. Assim, levou a sua querida filha de volta para casa.

Em outra ocasião apareceram os pais com seus filhos e mostraram-me o registro do casamento civil. Ele tinha 16 anos e ela 13. Eles moravam 100 km distante da matriz. Ainda cheios de raiva os pais me confessaram que seus filhos tinham se violado. Com grandes gastos foi realizado o casamento civil. Ambos deveriam agora se confessar e então casar na igreja. Eu disse aos irados pais que na Igreja Católica uma mocinha que não tenha 14 anos está impossibilitada de receber o sacramento do matrimônio. Ambos teriam que esperar até este prazo. Custaram-me muitas palavras para convencer os pais. Por fim se retiraram; disseram, todavia, que voltariam tão logo fosse possível. E realmente no dia 17 de setembro - a mocinha completou 14 anos no dia 16 de setembro - apareceram para o casamento. Após o casamento perguntei para a moça como tinha passado a lua de mel em casa. Ela respondeu que em casa com o pai tinha sido uma lua de fel. Nisso eu acredito.

Em todo o Brasil é assim: Se um rapaz desonra uma moça, tem que casar com ela. E se um noivo constata, após o casamento, que a moça não era mais virgem, ele pode declarar o casamento inválido. Por isso cada uma guarda-se cuidadosamente evitando se entregar. Mas se ela for incorreta, junto com o seu namorado oculta o erro e casam-se o mais breve possível. Se o rapaz desiste do casamento, ela comunica logo o seu passo em falso ao pai. Este tenta obrigá-lo a casar fazendo sérias ameaças. Se apesar disto ele não quer mais saber da moça, deve fugir o mais rápido possível para um outro Estado ou será levado para o cemitério mais cedo do que ele pensa.

Num determinado dia chegou até mim um homem com sua mulher. Nervoso, irado, berrando me disse: "Aqui o senhor tem novamente a mulher, que o senhor me deu ontem diante do altar. Ela não era digna de se casar". Depois de tê-lo acalmado um pouco, perguntei-lhe: "De onde o senhor sabe que ela não era mais digna de se casar?" "Eu a obriguei a confessar e ela então me disse. Ela deve casar-se com aquele que a desonrou". Eu perguntei se ele até ontem ainda não tinha tido caso com mulheres. Muito orgulhoso respondeu-me: "Eu sou homem!" Retruquei: "O senhor não é homem coisa alguma, pois o senhor não dominou a sua paixão entregando-se para as mulheres da vida e agora o senhor, um mesquinho pecador, exige uma virgem para casar. Como o senhor pode exigir dos outros aquilo que o senhor mesmo não fez? É verdade que ela não seria digna de casar com um rapaz puro. Mas o senhor também não é digno de se casar com uma virgem. Dou para o senhor um conselho: Tome a sua mulher, com a qual o senhor casou ontem, e vá para casa com ela". Ele coçou um pouco a barba e as pessoas que estavam presentes lhe disseram; "O padre tem razão". Em consequência do que eu disse, ele tomou a sua esposa pela mão e foi para casa. É verdade que ele não a olhou imediatamente de maneira afetuosa.

Peço permissão para voltar a tocar neste assunto e contar mais uma história que aconteceu 20 anos atrás, numa missão popular. Em 3 padres atendemos confissões até às 2 horas da madrugada. Quando as confissões terminaram, chegou um rapaz de mais ou menos 20 anos, e disse bem alto: "Reverendo, eu e meu pai, aquele homem que está ali atrás, queremos de todo jeito contar uma coisa para o senhor. Nós cometemos um crime, mas não estamos arrependidos e o cometeríamos hoje de novo". Eu lhe pedi para falar mais baixo, mas ele não quis. Continuou: "Todo mundo sabe o que eu fiz e eu não me envergonho disso". Então ele narrou: "Eu tenho uma irmã de 19 anos. Numa festa familiar, ela dançou com todos e depois da festa um velho amigo a acompanhou até em casa. No dia seguinte encontrei a minha irmã chorando na roça, na hora do trabalho. Ela me contou que

o meu amigo tinha lhe roubado a inocência na véspera. Eu lhe disse que isso era muito triste, mas que eu, seu irmão, providenciaria tudo para que o casamento em breve acontecesse. Na mesma noite encontrei o meu amigo, que me explicou que casaria com a minha irmã, mas não imediatamente. Adverti-o de que se tratava da honra da família. Que não toleraríamos qualquer adiamento e por isso o casamento deveria ser realizado em 4 semanas, do contrário a honra da nossa família seria lavada com o sangue dele. Ele conhecia esta lei não escrita. Sem mais nada para fazer, contei tudo ao meu pai na mesma noite ainda. Como no domingo seguinte o vigário não fez o anúncio do casamento da minha irmã, meu pai e eu fomos até a casa do rapaz e o ameaçamos: "Ou você casa até o dia 15 do próximo mês ou no dia 16 nós o pegaremos". Ele não casou com a minha irmã até o dia 15. Por isso nós o matamos na base da pancada, na roça, dia 16 e ali mesmo o enterramos. Nós não nos arrependemos daquilo que fizemos e se tivéssemos a mesma situação novamente diante de nós, faríamos outra vez tudo do mesmo jeito". Eu fiquei algum tempo sem fala. Perguntei ao rapaz se a polícia não estava sabendo do crime. Sim, ele e seu pai foram imediatamente depois do ocorrido até o delegado e lhe contaram tudo. "Ele não prendeu vocês?" perguntei. "Não, de jeito nenhum; ele só nos perguntou se o tínhamos enterrado. Quando respondemos que sim, o delegado disse: Então tudo em ordem".

A CAÇADA DA ONÇA

Algumas semanas atrás aconteceu uma caçada nada comum, em nossa região, e desejo narrá-la na série "História e Memórias de Paranaí". Pois quando um fato extraordinário acontece e não é registrado por escrito, em pouco tempo é modificado ou perde-se a memória do mesmo.

Trata-se de uma perigosíssima, todavia, bem sucedida caçada de onça. Numa cidadezinha, chamada Cidade Gaúcha e que pertence à paróquia de Rondon, preguei há alguns meses uma missão popular. Todas as pessoas, crianças e adultos, entraram na Irmandade de Nossa Senhora do Carmo e receberam o escapulário. Antes da admissão eu lhes tinha explicado que a Mãe do Carmelo prometeu proteger a todos aqueles que usam o escapulário. Cidade Gaúcha é uma cidadezinha que não faz muito tempo que foi fundada. Em volta havia ainda muita mata virgem e os colonos corriam muitos perigos durante as derrubadas e queimadas. Existia ali um muito perigoso inimigo, que se chama onça. Muitos traduzem esta palavra como tigre e outros como pantera. Prefiro comparar as onças com enormes gatos, pois elas se parecem com grandes gatos e também o seu miado é semelhante, só a tonalidade é muito mais baixa, quase no contrabaixo. Pode-se ouvir este sinistro miado durante a noite, na floresta, a quilômetros de distância. A onça vive só de carne. Ela é, apesar do seu pesado corpo, extremamente ligeira e ágil. Como um gato ela sobe em árvores altas para se acomodar num galho grosso e aguardar uma presa durante horas. Durante a noite, vai frequentemente nas propriedades dos colonos e dizima seus animais. Uma onça adulta chega mesmo a matar vacas e cavalos. É difícil aproximar-se dela e matá-la. Quando um colono tem pelas redondezas semelhante animal ou porventura uma completa família deles, em breve a sua criação de gado acaba. Por isso é comum oferecer a caçadores corajosos uma grande soma de dinheiro para livrá-lo da onça.

Pouco depois da minha missão em Cidade Gaúcha um colono chamado Fernandez percebeu que lhe faltavam alguns porcos e logo encontrou perto do chiqueiro os rastros da onça. Para caçar o felino ele aliou-se ao seu vizinho, que se chama Euclides e ao qual não falta coragem. Ambos puseram-se a caminho levando dois cachorros para farejarem a onça. Os cachorros corriam na frente, mas em determinado momento começaram a rosar e a latir. Isto não durou, todavia, muito e logo tudo ficou em silêncio. Um dos cachorros voltou para os homens tremendo como vara verde. Do outro cachorro não se viu nem se ouviu mais nada. Assim os dois ficaram sabendo que a terrível onça não podia estar longe. Agora era necessário atenção e olhos bem abertos.

Lentamente foram avante, cada um com a espingarda na mão, pronta para o tiro. Repentinamente perceberam um pequeno barulho numa árvore. Ali estava a onça em cima

de um galho e pronta para dar o bote. Rapidamente o Fernandez colocou a espingarda em posição de tiro e disparou, mas o animal ficou só ferido. A onça pulou sobre o pobre Fernandez e rasgou-lhe com a pata o ombro e o braço até nos ossos. Por azar a espingarda do seu companheiro Euclides negou fogo. Este viu o seu amigo nas garras da onça e furou o animal com sua peixeira em cima dos olhos. O animal ferido, com sua última força, derrubou o Euclides, ferindo-o em ambos os braços e depois sumiu.

Algumas horas mais tarde encontramos os dois caçadores no hospital de Rondon. Estavam com febre alta. Tiveram, porém, muita sorte e alguns dias depois deixaram o hospital, mas com os braços e ombros atados. Poucos dias após, Fernandez estava em seu rancho, porém a vergonha que a onça tinha lhe causado doía-lhe mais do que o ferimento nos ombros, quando a sua mulher apareceu na porta e disse: "Fernandez, a onça levou-nos nesta noite o melhor porco". Ele não deu resposta e a raiva cozinhou-o por dentro. Tomou a espingarda da parede, supervisionou cuidadosamente e carregou-a. Então foi até o seu amigo de caçada e disse-lhe: "A onça pegou-me nesta noite novamente um porco. Hoje ela deve morrer. Você quer ir comigo?" Euclides, mesmo ainda estando com os braços atados, colocou na cinta a sua peixeira, visto que a onça tinha-lhe destruído a espingarda na primeira luta, e ambos foram acompanhados de um cachorro mata adentro para executarem o odioso animal. Desta vez deveriam ter cuidado duplo, pois o bicho ferido fica arisco, muito arisco e diante da mínima suspeita, foge. Não demorou muito e eles encontraram um rasto fresco da onça. Muito cuidadosamente seguiram as pegadas. Tinham o vento contra si e isso era uma sorte. Não demorou muito e viram a onça deitada diante deles, comendo um pênfil do leitão. Um certo tiro atrás das pernas dianteiras acertou-lhe o coração. Mais uma vez o bicho se levantou, para em seguida estender-se como um saco molhado. Os dois caçadores mediram o tamanho, entre o focinho e o rabo mediram 12 palmos (cada palmo mede 22 cm). Chamaram outros colonos e levaram o animal até a cabana do Fernandez. Lá colocaram a parte dianteira em cima de um toco e a outra parte do corpo apoiaram em cima de um cepo, dando assim quase a idéia de que a onça ainda vivia. Os caçadores - alegres e orgulhosos de sua vitória - colocaram-se junto da escorada onça e deixaram-se fotografar. O quadro produz um efeito um tanto artístico, porque ele assim foi posto, mas pode-se também desta forma compreender que os dois caçadores das matas brasileiras queriam ter nas mãos uma prova visual de sua vitória sobre a onça.

Quando vi a magnífica pele do animal, já curtida, brotou em mim o desejo de pendurá-la no Seminário Teresiano de Vocações Tardias ⁽²⁰⁾ em Bamberg para despertar nas futuras vocações missionárias a alegria da caça à onça. Os dois valentes caçadores fizeram promessa a Nossa Senhora do Carmo de vender em leilão a pele e deixar esse dinheiro para ajudar aos pobres no hospital. Neste entremeio já foram feitas diversas ofertas, a mais alta chegou até agora aos 2.000 cruzeiros, ou seja, 100 marcos alemães.

Por isso agora dirijo-me aos prezados leitores da revista "Karmel-Stimmen": Talvez alguém de vocês dê mais pela pele da onça para as nossas missões. Então eu levaria comigo o couro no mês de julho deste ano, quando irei para a Alemanha para participar do capítulo provincial.

FUNDAÇÃO DA ESCOLA

Frei Estanislau tinha um refinado talento para lidar com as crianças. Elas simplesmente corriam até ele em todos os lugares. Ele brincava com as crianças como se ele pertencesse a elas e as crianças lhe obedeciam como se ele fosse o pai delas. Em pouco tempo formou um grupo de catequese e bastaram alguns meses para que todas estivessem preparadas para fazer a Primeira Comunhão. Uma professora, chamada Irene Patriota o ajudava nesta

²⁰ Neste Seminário estudaram os Freis: Bruno Doepgen, Matias Warneke, Rafael Mainka, Joaquim Knoblauch, Jerônimo Brodka, Justino Stampfer, Agostinho Wolf e Paulo Pollmann - todos missionários alemães que trabalharam em Paranavaí.

missão e tomava conta principalmente das meninas.

Muitas crianças não sabiam ler e escrever. Isto de jeito algum era motivado pelo fato delas serem preguiçosas para estudar, mas por não haver escolas (²¹). Assim me veio o pensamento de fundar uma escola paroquial. Frei Estanislau teve que fazer um exame, para estar habilitado a dar aulas. Durante alguns meses ele se preparou para o exame e assim mesmo foi aprovado com muitas dificuldades. Por isso contratei ainda algumas professoras e comecei com a Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo (²²). Os resultados foram muito pequenos no início. Constantemente apareciam os pais das crianças reclamando das professoras. Eu estudei o assunto e constatei que algumas professoras tinham uma extraordinária inteligência negativa. Tive que muitas vezes trocar as professoras e com muitos dos novos empregados fiz semelhantes experiências. Finalmente consegui ter uma verdadeira professora. Frei Estanislau ia bem lecionando para o 1º ano primário. A Escola Paroquial foi registrada no Estado (²³) e assim pôde no ano seguinte já aceitar 220 crianças. A escola tinha uma professora que ensinava realmente muito bem e que exercia uma influência positiva. No segundo ano ela recebia muitas vezes durante as aulas a visita de um jovem engenheiro. Em determinado dia, depois de haver explicado sobre a onipresença de Deus, perguntou às crianças como prova: "Quando vocês brincam lá fora durante o recreio, quem está então com vocês?" Responderam: "O bom Deus!" Ela continuou perguntando: "E quem está comigo durante o recreio aqui na sala?" A resposta dos pequeninos: "O engenheiro da prefeitura". Percebi naquele momento que o interesse dela pelo engenheiro crescia e que o interesse pela escola diminuía. Em certa ocasião ela chegou bem humorada e me disse: "Eu noivei e vou casar em novembro". Ela estava contente e eu também. Prometi-lhe fazer o casamento de graça na matriz com todas as pompas possíveis.

Na contratação das professoras agora sou mais cauteloso. As melhores para mim são as mais feias e aquelas que ficaram noivas duas ou três vezes, pelo menos. Isto é difícil aqui. É que aqui, bem diferente do resto do mundo, há uma grande falta de mulheres. Isto acontece porque nestas terras novas, quase só chegam recém-casados ou solteiros. Daí que as moças já muito novas são dadas em casamento. Eu posso bem dizer que entre os 1600 casamentos, que realizei nestes 7 anos de presença aqui, 90% das noivas tinham menos do que 18 anos. Com 20 anos uma moça já é uma velha senhora. Quando acontece de uma moça solteira com 24 anos se oferecer como professora, posso pelo menos esperar que ela permaneça na escola por um bom tempo.

Sempre foi claro para mim que, se eu quero ter bons professores, devo pagar bem. Nos primeiros tempos eu recebia de cada aluno 30 cruzeiros, isto significava 2 marcos alemães, por mês. Eu tinha 220 alunos para os quais eram necessárias 6 professoras. Com o dinheiro que recebia pagava as professoras. No ano seguinte aumentei a mensalidade e o salário. Assim pude exigir melhores resultados das professoras. Eu encontrei uma boa professora,

²¹ Já havia o Grupo Escolar de Paranavaí - hoje Escola Newton Guimarães. A primeira diretora foi a professora Enira de Moraes Ribeiro.

²² Não há documentação sobre a data exata do início desta Escola. Mas provavelmente iniciou as suas atividades em junho de 1952. Isto se deduz de duas cartas de Frei Ulrico enviadas ao provincial Pe. Jacobus Beck e conservadas nos arquivos da Província Carmelitana Alemã em Bamberg. Na primeira, datada de 31/03/1952, Frei Ulrico comunicou que iniciaria a Escola após a Páscoa. Na segunda, datada de 28/05/1952, ele comunicou que as matrículas estavam abertas para 4 turmas, sendo 2 para meninos e 2 para meninas.

²³ A Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo recebeu licença oficial do Estado do Paraná para funcionar no dia 17/06/1956. Esta licença era para o nível primário. Para o nível ginásial recebeu no dia 22/02/1960.

"A primeira diretora oficial da Escola foi Eugenia Araújo Rauen, mas diretamente não trabalhou na mesma. Ela tinha cursado a Escola Normal no Instituto de Educação de Curitiba, portanto podia ser legalmente diretora de uma escola, mas como era funcionária da Secretaria da Agricultura e não podia deixar o seu serviço, só assinava os documentos. Frei Ulrico a chamava de "minha professorinha".

com diploma, filha de imigrantes japoneses ⁽²⁴⁾. Em 3 anos ela fez tantos progressos com a escola, que no ano de 1956 o Inspetor Estadual de Ensino, após os exames, me parabenizou, pois a Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo ganhou o 1º lugar no Estado do Paraná ⁽²⁵⁾.

Foi muito difícil construir a escola. Eu não tinha dinheiro. Primeiramente reformamos um velho barracão. Contratei alguns trabalhadores e com tábuas emprestadas fizemos as carteiras escolares, as quais poderiam nas festas ser usadas também como mesas. No ano seguinte foi construída a nova matriz e a velha igreja ficou livre. Uma parede divisória foi feita no meio formando duas salas de aula. Desta forma fiquei com lugar para 300 crianças. Mesmo assim as salas construídas eram insuficientes. O Secretário da Educação ameaçou em Curitiba retirar-nos a autorização de funcionamento escolar se nós não construíssemos uma nova escola. Bem ou mal nós tínhamos que fazer. Como financiar a obra?

COMO SE CONSEGUE DINHEIRO

Agora quero contar-lhes como do nada se consegue dinheiro. Já no começo devo dizer-lhes que eu sempre tenho um grande trunfo à disposição, que são os santos. Não contando Nossa Senhora do Carmo e o ministro da Economia da Igreja que é São José, devo aqui salientar elogiando Santa Teresinha, São Sebastião, Santo António de Pádua, Santa Rita e a minha querida patrcia Irmã Maria Imaculada. Neles pode-se confiar. Naturalmente eles não fazem tudo sozinhos, mas nos ajudam visivelmente muitas vezes. Cada um tem o seu jeito de caçar pulgas, e eu tenho o meu jeito de arrumar dinheiro.

Aqui são especialmente as festas. Com esta finalidade organizam-se diversas listas, que são levadas de casa em casa. Com isto ganha-se dinheiro ou prendas para serem leiloadas na festa. Nenhuma prenda é insignificante, para o Frei Ulrico tudo é ouro. Na noite da quermesse, após a bênção, acontece o leilão público. Muitas vezes uma coisa totalmente sem valor recebe um alto lance. Como por exemplo, uma mamadeira com bico, a qual é oferecida por um malicioso amigo para o outro mamar por 20 cruzeiros. Mas este recusa e paga 50 cruzeiros para que o outro, que fez a primeira oferta, mame. Porém como ele quer calar o "adversário" faz uma oferta maior. De acordo com o temperamento sul-americano um cobre a oferta do outro e assim finalmente recebe-se por uma mamadeira mais do que 1.000 cruzeiros. O perdedor deve subir na mesa e para a alegria de todos mamar a mamadeira e chorar como um nenezinho. Leiloam-se também animais vivos como porco, bezerro e carneiro. Ali, o prior do convento Frei Alberto Foerst, fica com os olhos bem abertos. Os animais não devem ser vendidos abaixo do preço, senão os guardamos nós mesmos em nossa pequena propriedade. Há também jogos com cavalinhos de lata, que correm em cima de rolamentos. O ganhador recebe 5 vezes o que apostou. Em outra barraca há um coelhinho que é solto num círculo feito por 25 casinhas. De baixo de uma gritaria infernal o animalzinho corre e entra numa delas. Quem tem o número da casinha vence e os outros jogaram em favor da Igreja. Em outro lugar há o jogo de cigarros. Com apenas uma argola pode-se ganhar 1 maço de cigarros, mas pode-se também lançar 20 argolas e não ganhar maço algum. Há também a rifa. Por exemplo: é rifado um canivete de 100 cruzeiros. Vendem-se 50 números por 20 cruzeiros cada. Sorteia-se um número e há um só ganhador. As apostas são sempre de pequenas somas. Mas 100 centavos fazem também 1 cruzeiro. Visto que não se pode pensar em festa sem bebida e boa comida, são

²⁴ Trata-se da professora Rosa Akie Noguti. Ela nasceu no dia 10/01/1934 em Vera Cruz, SP. Chegou em Paranavaí no final de 1953. Começou a dirigir a Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo em 1955. Trabalhou ali até maio de 1960. Casou-se com Paulo Fumio Watanabe. Desde 1978 mora em Curitiba.

²⁵ Para conseguir o bom resultado ela contou com a colaboração de diversas professoras. Entre as professoras dos primeiros anos da Escola descobrimos as seguintes: Maria José Vaz, Lúcia Ribeiro Castilho, Olga dos Santos, Ildia Mioto, Durvalina Oliveira Melo, Maria Inês Quaglioti, Adalgisa Dantas, Nair Carvalho dos Santos, Maria Conceição Cazula e Cleide Janeiro Paio. A lista não está completa. Foi feita tendo como base fontes orais, visto que não há documentação dos primeiros anos. Há documentos a partir de 1954, mas só nomes e notas de alunos em exames finais.

abatidas muitas galinhas e patos, que são vendidos em leilão. Grande popularidade gozam os leitões ⁽²⁶⁾. Quando bem assados e temperados com muito sal e pimenta, produzem uma grande sede, a qual é matada com bebidas em favor da festa. Para motivar ainda mais o povo, são nomeados padrinhos da festa. Uma ou mais famílias arranjam todo o material necessário para uma das noites da festa. Uma outra família e seus parentes encarregam-se da noite seguinte. Esta família não quer perder para a família anterior, pois os resultados são publicados. Através desta rivalidade aumentam as entradas para a escola e igreja. Muitas vezes apostam os representantes de um determinado Estado ou país contra o outro. Por exemplo: os baianos contra os paulistas, os cearenses contra os pernambucanos, ou os colonos poloneses contra os alemães, italianos contra japoneses. Através desta festa é saldada uma parte das dívidas contraídas com a construção. Mas o dinheiro não é suficiente para cobrir as necessidades na escola e hospital. Outros meios precisam ser inventados e há sempre um bom homem, que doa um terreno para a igreja ou escola. Este terreno não é vendido, mas rifado, pois no sorteio rende quatro vezes mais.

Além destas fontes locais há ainda outras duas fontes econômicas na Alemanha. A primeira é organizada pelo padre provincial Frei Adalbert Deckert. Ela consiste em esmolas, que ele recolhe por meio do seu tesoureiro das missões Frei Burkard Lippert. A segunda jorra da Westfália. Lá eu tenho os meus queridos parentes e também muitos amigos de infância. Quando pela primeira vez, depois de ter ficado treze anos no Brasil, em 1949 retornei para casa, lá havia sido fundado um Clube dos Cavaleiros do qual tornei-me ativo membro. Embora eu tivesse aprendido a andar a cavalo em Pernambuco, na Westfália preferi passear de carruagem com os mais velhos membros do Clube, pela região e assistir de longe às corridas de obstáculos. À noite, no clube, nos reuníamos para animados jogos de baralho.

De tempo em tempo cantávamos e finalmente pediam-me para fazer um relato sobre minhas aventuras de equitação em Pernambuco. Isto eu fazia de muito boa vontade. Contava somente verdades. Entre elas eu narrava a seguinte história: "Durante uma missão no interior fui chamado um dia para atender a um doente. O homem, que me buscou, tinha 2 jegues, um para si e um para o padre. Através da serra seguia uma pequena e estreita picada. Ali eu não confiei no jegue, apeei e puxei-o atrás de mim, rente ao precipício. Quando chegamos no planalto montei novamente no meu jegue. Ele ia muito devagar para o meu gosto, por isso eu tinha que meter-lhe o chicote, ainda que eu estivesse carregando o Santíssimo Sacramento no peito. Teimoso como era, ficou sempre no seu trote. Num determinado momento ele soltou um terrível e barulhento sinal na região do rabo. Até ele assustou-se com o barulho e cheiro, pois daí em diante foi num ligeiro galope até a casa do homem doente".

Quando aos camponeses contei esta e algumas outras histórias engraçadas, eles deram-me um belo relógio de pulso como lembrança, o qual até agora fielmente me acompanha. Todos foram unânimes na idéia de me ajudar no meu trabalho missionário. Além das boas coletas que fiz na igreja matriz, os velhos senhores do Clube dos Cavaleiros resolveram que eles enviariam para a conta missionária uma parte do que ganhassem no jogo de baralho. Visto o clube ser composto só de abastados camponeses que mensalmente realizam um ou dois jogos, deles recebo todo mês alguns cruzeiros para as missões.

Muitas vezes recorri também aos meus conhecidos na Westfália e na Baviera e pedi maiores contribuições. Assim ganhei do meu sobrinho Heinrich Korbusch um ostensório e do meu amigo Antonelli, um cibório. Também os bancos e as janelas da nova igreja matriz foram financiados por pessoas amigas da minha terra. Deus abençoe a todos os bons benfeitores. Até os nossos alunos me ajudaram a arrumar o dinheiro necessário para a

²⁶ Naquela época o churrasco ainda não tinha sido introduzido nas festas.

construção da escola. Cada criança recebeu uma cartela com 100 "tijolos". Para cada "tijolo" recolhiam 1 cruzeiro (15 cruzeiros = 1. DM). Quem vendia 100 "tijolos", podia ficar com 10. Assim vocês vêem, meus queridos leitores, que nós aqui, do nada, conseguimos dinheiro para ampliar o trabalho missionário.

O JARDIM DA INFÂNCIA

A Escola Paroquial tem no momento 559 alunos e 18 professoras. 360 alunos estudam gratuitamente. O Governador e o prefeito estão me ajudando a pagar as professoras, senão sinceramente seria impossível mantê-la funcionando. As crianças da nossa Escola Paroquial assistem todo sábado à santa missa. No momento em que o louvor prestado à bem-aventurada Virgem do Carmo, pelas 550 almas inocentes, sobe ao céu, eu sinto que Deus tem me dado uma grande graça. E muitas vezes digo-Lhe que eu não desejo me trocar por um milionário. Aqui em Paranavaí organizamos as aulas de catequese. Regularmente em todas as quartas-feiras 1.400 crianças participam do catecismo. Há alguns anos, quando o provincial Frei Adalbert Deckert de Bamberg esteve aqui ⁽²⁷⁾, ele me criticou com razão dizendo que era impossível dar aula para tantos alunos (em cada turma havia mais ou menos 500 crianças). Sim, ele tem razão, não dá nem para se discutir um tratamento individual. Mas não há outro jeito. Os meninos e as meninas de 7 ou 8 anos não sabem ler e escrever. Canto com elas o Credo e a Ave Maria e elas repetem, Semanas atrás pedi para um menino que fazia a Primeira Comunhão, para rezar o Credo e ele respondeu-me: "Frei Ulrico, eu posso cantá-lo bem, mas não rezar". Por tal resposta eu não esperava. Então eu disse ao menino: "Então cante". E com voz alta ele cantou tudo direitinho.

Se não tivéssemos a Escola Paroquial não poderíamos levar nem metade das crianças para Jesus. E para que a Escola Paroquial pudesse prosperar, foi necessário que nós, missionários, nos dedicássemos às crianças desde pequeninas.

Portanto foi absolutamente necessário construir um Jardim da Infância. Alguns "super inteligentes" me aconselharam a não me meter nisto, visto que eu não tinha dinheiro. É verdade que eu não tinha dinheiro, mas também não queria desistir por causa disto. Por isso aumentamos a antiga igreja em 7 metros; fizemos uma repartição, pedimos mesinhas e cadeiras e o Jardim da Infância teve início. No dia 7 de setembro, dia da Pátria, recebeu até mesmo o 1º lugar. Lourdes Gomes ⁽²⁸⁾ chamava-se a idealista moça de 19 anos que me ajudava no trabalho do Jardim da Infância ⁽²⁹⁾. Primeiramente foram matriculadas 40 crianças, depois 50 e em seguida 60. Finalmente vimo-nos forçados a construir um novo Jardim da Infância. Com a ajuda de Deus conseguimos isto também em pouco tempo.

Anos atrás a difteria irrompeu aqui atacando crianças de Paranavaí e o filhinho de um advogado com 3 anos de idade, morreu vitimado pela doença, apesar de os médicos terem feito de tudo ⁽³⁰⁾. Quando o menininho entrou em agonia começou a cantar "Ave, ave, ave

²⁷ Chegou em Paranavaí no dia 10/06/1955 para uma visita canônica e permaneceu até o dia 14/07/1955. Acompanhou-o o ex-provincial Pe. Jacobus Beck, que em fevereiro de 1952 já havia visitado Paranavaí. Foi este quem deu autorização para Frei Ulrico iniciar um trabalho missionário no Sul do Brasil. Um relato sobre a viagem do Pe. Jacobus Beck está publicado no livro "Minha Viagem à Região Missionária de Paranavaí", editado pela Livraria Nossa Senhora do Carmo de Paranavaí.

²⁸ Seu nome completo Maria de Lourdes Patriota. É irmã da professora e catequista Irene Patriota Gomes, já citada por Frei Ulrico neste livro. Nasceu no dia 12/01/1932 em Brejão, PE. Chegou em Paranavaí em 17/11/1944. Casou-se com Jarbas Nogueira dos Santos, que trabalhava na Caixa Econômica. Em 1960 mudou-se para Bandeirantes e em 1961, para Apucarana. Desde 1983 mora em Curitiba.

²⁹ O Jardim da Infância teve início em 1954. Em 22/02/1955 Frei Ulrico enviou uma carta ao Provincial Frei Adalbert Deckert comunicando que em breve começaria a construção de um novo Jardim da Infância, na quadra 77, onde hoje está a casa das Irmãs Filhas da Caridade do Educandário São Vicente - Rua Getúlio Vargas esquina com a Pará.

³⁰ O advogado é o Dr. José de Alencar Furtado. Seu filhinho era conhecido como Alencarzinho. A

Maria..." sua vizinha foi tornando-se cada vez mais fraca e baixa até dar o último suspiro de vida com o "Ave" nos lábios. Ele aprendeu o canto no nosso Jardim da Infância.

Após haver contado um pouco sobre as necessidades da Escola Paroquial e do Jardim da Infância, quero retornar ao tempo da fundação do nosso posto missionário e relatar-lhes em seguida os antecedentes históricos da cidade de Paranaí.

A CIDADE DE PARANAÍ

Há aproximadamente 50 anos, o norte do Estado do Paraná era pura mata virgem. Aqui, há um riacho, que se chama Paranaí e desemboca no grande Rio Ivaí. Em 1926 o governador do Paraná deu para uma Empresa Colonizadora uma grande extensão de terra a fim de que fizesse a colonização. Esta empresa chamava-se "Fazenda Brasileira". Pela doação das terras ela assumiu a obrigação de fazer uma estrada através da mata até o grande rio Paraná. A empresa, porém, não cumpriu o contrato; os diretores desapareceram um após o outro e os colonos ficaram abandonados. A maioria saiu do local para não ficar na miséria. Em 1940 o interventor Manoel Ribas deu a ordem para se fazer uma nova colonização estatal e aqui construir uma cidade que deveria receber o nome de Paranaí. Quatro mil alqueires foram colocados à disposição e no centro 1 quilômetro quadrado reservado para a futura cidade. Tudo foi medido. A machado e facão foram feitas as ruas da futura cidade. Datas e terras foram vendidas por um preço irrisório. Isto aconteceu no início de 1943. Em setembro do mesmo ano subiu a fumaça das queimadas do primeiro terreno. Em seguida o primeiro colono fez o seu rancho. Como material para essa construção, pegou os restos abandonados pela Fazenda Brasileira. Algumas chapas de zinco, que igualmente encontrou no meio dos destroços, serviram como telhado contra o sol e a chuva. Pouco tempo depois novas nuvens de fumaça subiram no céu e em poucos dias apareceram outras casinhas de madeira. No Natal de 1943 podia-se contar já uma fila de ranchos.

No dia 14 de agosto de 1944 chegou aqui o padre palotino alemão Carlos Propst em nome do reverendíssimo senhor bispo para crismar. Cinquenta pessoas foram crismadas diante do escritório da Inspetoria de Terras ⁽³¹⁾. Paranaí pertencia à paróquia de Mandaguari e um padre vinha 3 ou 4 vezes por ano para em céu aberto celebrar a santa missa, batizar as crianças e abençoar casamentos.

No dia 27 de setembro de 1944 veio para cá o padre João Guerra para cuidar das almas dos pobres colonos. Construiu a primeira capela com uma sacristia muito pequena, que servia ao mesmo tempo como sala e quarto de dormir. Ele ficou em Paranaí até o fim do ano de 1945. Mais tarde este padre tornou-se carmelita descalço. Nesta época os colonos também ergueram a primeira grande cruz de madeira no lugar onde hoje está a rodoviária. Acharam, entretanto, que o local era impróprio para a futura igreja matriz e mudaram a cruz para um lugar um pouco mais acima. Lá foi, nesse entremeio, construído um posto "Shell" ⁽³²⁾. Finalmente a Inspetoria de Terras doou uma quadra de 110x120 m, para que fosse edificada a Igreja e os fiéis levaram a cruz para lá. Ali construíram então a primeira capela de madeira onde, no natal de 1944, o padre João Guerra celebrou a primeira santa missa. Foi uma celebração cantada por colonos de língua alemã da colônia Graciosa. Durante esta primeira missa uma cobra venenosa subiu lentamente no braço de um brasileiro. O povo começou a gritar, mas ele permaneceu bem quieto. Por fim a cobra desceu do braço dele sem morder.

O cruzeiro permaneceu até 1953 em frente da capela, a qual teve que ser ampliada.

verdadeira *causa mortis* parece que foi um choque anafilático.

³¹ Estava localizada na Av. Paraná onde hoje está o Banestado.

³² Posto São Cristóvão, situado na Av. Distrito Federal esquina com Rua Antônio Felipe (antiga Rua Espírito Santo). O proprietário era o Sr. Leodegário Gomes Patriota. Mais tarde o Posto foi vendido ao Sr. Gentil Cavazin.

Depois da construção da atual e grande matriz serramos os paus da cruz no comprimento e ao meio e com isso fizemos a nova cruz da torre da igreja com 25 metros de altura. Quando Paranavaí recebeu a energia elétrica ela foi toda iluminada (³³). Um dia, um avião que estava perdido em cima das nuvens de um temporal, ao avistar a cruz iluminada pôde novamente se orientar. Por meio do alarme o piloto nos deu a entender que estava em perigo. As pessoas, que tinham um carro disponível, foram rapidamente até o campo de aviação e formaram com seus faróis duas filas luminosas. No meio delas ele aterrissou e quando desembarcou, tirando o boné disse: "Deus com sua cruz nos salvou a vida" (³⁴).

A cruz é o ponto mais alto em Paranavaí e aos pés desta cruz estendeu-se a cidade. Bem visível durante o dia e iluminada durante a noite deve ser esta cruz para todos um penhor da felicidade eterna.

Agora vamos descer da cruz da torre e ver algo da nova igreja matriz. Conforme foi dito, a velha igreja era muito pequena para a crescente cidade de Paranavaí. A construção de uma outra igreja tornou-se uma urgente necessidade, O bispo deu-me a licença, na hora de sua despedida, em maio de 1952, para o mais breve possível começar a construção.

Paranavaí não tinha na época ainda um engenheiro, por isso eu mesmo elaborei a planta. Numa reunião, com construtores entendidos trocamos idéias e deram-me sobretudo o conselho de não fazer as paredes externas com mais de 4 m de altura, visto que em 1950 uma casa de 5,50 m foi completamente destruída por uma forte tempestade. Segui a orientação deles e foi bom que assim procedi, pois capuchinhos tiveram em semelhante situação grande azar. Na nova cidade de Cruzeiro do Oeste construíram uma igreja de madeira com paredes laterais de 7 m de altura. Três dias após a bênção ela desmoronou durante a noite como um castelo de cartas.

As medidas, que o bispo me indicou, eram de 45x18 m e devia ser uma igreja com 5 altares. Depois da construção pronta (³⁵), recebi um grande ajudante na pessoa do reverendo Frei Hartwig Wunderlich (³⁶). Frei Henrique, como o chamavam aqui, não era só um padre, mas também excelente escultor, marceneiro e carpinteiro. Ele colocou imediatamente mãos à obra iniciando pelo altar-mor. Hoje ainda vejo-o diante de mim, como ele, de calça e camisa, suando por todos os poros, ajoelhava em cima do futuro altar. Foi um trabalho muito difícil até que aquela madeira dura tivesse a forma definitiva. Quando ele terminou o trabalho, achou que seria bonito colocar em baixo do altar um grande quadro de madeira com o símbolo da Eucaristia: peixe e pão. E no mesmo estilo ficaria bem um cálice com hóstia nas portas do tabernáculo e atrás do altar uma enorme cruz de madeira.

Eu me entusiasmei com a idéia e o Frei Henrique imediatamente começou a realizar o plano. Primeiro procurou uma bela e grossa prancha de marfim. Ele inventou também seu próprio método para a aplicação da tinta. Com um cinzel gravava a figura na madeira para depois pintar com tinta japonesa as linhas e desenhos esculpidos. As gravações impediam

³³ Antes da chegada da energia, o Sr. Leodegário que tinha um motor para produzir eletricidade para seu consumo no Posto São Cristóvão, fornecia luz para a Igreja.

³⁴ Fato acontecido em fevereiro de 1953. Foram três as pessoas que se salvaram, segundo Frei Henrique Wunderlich, que dia 09/02/1953 enviou uma carta à revista alemã Karmel-Stimmen contando o mesmo fato.

Outra aterrissagem interessante acontecida em Paranavaí, que o povo guarda na memória, é a do avião americano de 4 motores, que estava indo para o Paraguai e transportava imigrantes coreanos. Segundo testemunhos orais, as rodas do avião afundaram na pista. Naquela época o campo de aviação estava localizado nas imediações do Colégio Estadual, hoje aquela parte da cidade chama-se Jardim Antigo Aeroporto.

³⁵ Esta igreja é o atual salão paroquial, situado na Rua Antônio Felipe. A primeira missa foi celebrada ali no último domingo de outubro de 1952. Funcionou como igreja matriz da Paróquia São Sebastião até na última semana de outubro de 1965, quando foi inaugurada a atual Igreja Matriz, situada na Rua Getúlio Vargas.

³⁶ Chegou em Paranavaí em setembro de 1952. Saiu de Paranavaí no dia 06/12/57, retornando para a Alemanha, sua terra natal. Atualmente trabalha numa paróquia perto de Frankfurt. Com ele chegou um jovem carmelita chamado Frei Willibrord Kaese. Este não era padre e só ficou em Paranavaí até março de 1953, quando ingressou no seminário diocesano de Jacarezinho, deixando assim de ser carmelita.

que as cores se misturassem. A seguir trabalhava a madeira no seu método todo particular e a superfície tornava-se bela e lisa. Quando vi o primeiro quadro feito deste modo, fiquei maravilhado, pois parecia um mosaico de madeira. Ainda hoje muitas pessoas que visitam a igreja são da mesma opinião. O laborioso Frei aprontou o altar-mor em poucas semanas. Em seguida esculpiu um magnífico crucifixo ⁽³⁷⁾. Como nos primeiros tempos ele sentia muita saudade da Alemanha, deu, sem querer, ao crucificado

uma expressão de grande saudade do Pai celestial, que até hoje pode-se contemplar de novo devota e admiravelmente. O escudo do Carmelo com o lema: "Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum", igualmente na madeira pintado como o símbolo da Eucaristia no altar-mor, orna a frente do altar do Carmo. Nos altares laterais Frei Henrique pintou diversos símbolos. Quero destacar aqui as pinturas da Santíssima Trindade e da Rosa Mística no altar de São Sebastião. A Rosa Mística está pintada como um botão aberto de uma tenríssima rosa da qual nasce a divina criança. Do altar do Sagrado Coração de Jesus salta-nos aos olhos os dois santos corações, de um lado o bom pelicano e do outro o cordeiro de Deus, em cima do livro, com sete selos.

Se o desenvolvimento da cidade de Paranaí continuar como até o momento, teremos que construir nova igreja de tijolos e esses altares serão realmente dignos de serem colocados ali. Até lá, assim espero, poderemos também substituir as atuais imagens de gesso por outras mais belas e mais preciosas artisticamente.

Originalmente foi planejado fazer duas torres em nossa igreja. Mas o amado dinheiro, na época, não foi suficiente, por isso ficou apenas uma torre. Agora não sei se ela é bonita, mas em todo caso cumpre a sua finalidade. E se eu penso na miserável igreja que havia quando alguns anos atrás aqui cheguei, então a nossa nova igreja já é um bom passo adiante.

CONSTRUÇÃO DE CAPELAS

Para evitar mal-entendidos: por "capela" entende-se aqui no Brasil algo a mais do que de costume geralmente se entende na língua alemã. Por exemplo: quando um padre vai aos domingos numa colônia, num povoado ou numa pequena cidade para lá celebrar a missa e administrar os sacramentos, então diz-se: "O padre vai para as capelas". Em seguida quero contar como se chega a uma "capela", como ela nasce e se desenvolve.

Algumas colonizadoras adquiriram por preço irrisório alguns milhares de alqueires de mata virgem e são obrigadas a fundar ali uma nova povoação. Com um grande trator elas chegam na terra destinada. A mata é derrubada e queimada, ruas são feitas e terrenos demarcados. Vendem os terrenos e com isto ganham rios de dinheiro. Os interessados nos lotes são em primeiro lugar aqueles que mais tarde abrirão um negócio ou que querem se estabelecer como trabalhadores urbanos. Quando as companhias percebem que a venda dos lotes está devagar, elas dão de presente de vez em quando 500 datas, todavia com a obrigação de que em 3 meses seja construída no local uma casa de madeira. Através desta especulação muitos são atraídos. Entretanto, nem todos permanecem, resultando que em algumas povoações mais de um terço das casas ficam vazias.

É freqüente também a colonizadora mandar antes uma família corajosa para desbravar e queimar o local demarcado na mata. Pequenas e primitivas casinhas de madeira cobertas com tabuinhas são ali construídas.

Algumas semanas mais tarde chegam amigos e parentes. É erguida uma grande cruz de madeira no local, onde futuramente se quer ter a igreja ou capela. Para a bênção da cruz e para a celebração da primeira missa na nova colônia busca-se o padre da paróquia à qual

³⁷ É o crucifixo grande que está na parede de pedra da Igreja Matriz de São Sebastião. É a principal marca deixada por Frei Henrique.

o lugarejo pertence. Sob a sombra da cruz desenvolve-se então a povoação. Passados alguns meses é montada a primeira serraria. O tosco rancho desaparece e no seu lugar são construídas bonitas casas de madeira. Algumas semanas mais tarde o padre volta pela segunda vez para formar uma comissão eclesial para construir a capela. Normalmente todos ajudam nesta empreitada. Pode, porém, acontecer que o pároco encontre resistência e deve mostrar os dentes. Nós temos aqui por exemplo um lugar que tem um nome prometedora: "Paraíso do Norte". Quando há anos aceitei a paróquia de Paranavaí, este "Paraíso" já era uma povoação relativamente grande ⁽³⁸⁾, mas ainda não tinha construído uma capela. A construção esbarrava todas as vezes no chamado proprietário, que simplesmente não queria dar consentimento. Então chegou o meu provincial da época Frei Jacobus Beck para fazer a sua primeira visita aqui ⁽³⁹⁾. Levei-o comigo para "Paraíso do Norte" e com ele passei mais uma vez na casa do referido proprietário ⁽⁴⁰⁾. Desta vez ele se comprometeu, pois se envergonhou diante do provincial alemão e prometeu finalmente construir a capela. Ele a construiu, mas muito pequena para a grande comunidade. E como ele mantinha um relacionamento com Deus de maneira muito econômica, contratou para a construção um carpinteiro pelo preço mais barato e que ainda por cima era um adventista. Certamente por causa da sua simpatia pelo batismo, este adventista construiu então a capela de tal maneira que nas chuvas fortes chovia mais dentro da capela do que fora.

Em maio de 1952 tivemos a importante visita do bispo, que veio para crismar. Nesta ocasião ele também benzeu a nova capela. O acaso quis que no dia de sua ida caísse um terrível temporal e o bispo foi obrigado a pernoitar em Paraíso do Norte. Quando no dia seguinte entramos na capela para celebrar a santa missa, a mesma tinha se transformado num lago por causa da chuva torrencial. Uma situação insustentável. Então o bispo deu-me a ordem de imediatamente remediar a situação e começar logo com a construção de outra capela maior. O proprietário, porém, era contrário e não me restou mais do que agir por conta própria. No domingo após a missa falei à comunidade reunida e convidei-a a me auxiliar também sem o proprietário. O terreno previsto para a construção era acidentado e ainda não aplainado. Para isto era necessário, portanto, um trator. Mas não conseguimos um. Por fim, aproximadamente 40 homens se reuniram, pegaram alguns couros de boi e diante de cada couro colocaram um cavalo. E então foi-se em frente, aqui e ali sobre o local. Desta simples maneira pode-se também aplainar. A parte alta da terra foi assim abaixada com couros de bois. Após alguns dias o local estava tão plano, que já podíamos começar a construção. Quando a igreja ainda não estava pronta, mas em condições de ser benta, convidamos também o proprietário para a celebração. Ele apareceu prometendo até mesmo nos ajudar no acabamento da capela. Prometeu, mas nunca cumpriu a promessa. Assim se colecionam experiências sobre construção de igrejas e escolas para no fim poder dizer: "Esta igreja ou escola foi construída com as esmolas dos pobres e promessas dos ricos".

Para conseguir construir o mais breve possível uma capela em outros locais eu prometia a visita do Bispo. Como o nosso bispo é muito querido pelo povo obtive excelentes resultados com este método. Entre os muitos exemplos cito: no Guaritá ⁽⁴¹⁾, um lugarejo pertencente à minha paróquia, celebrava a missa primeiramente debaixo de uma lona de

³⁸ A cidade de Paraíso do Norte foi fundada em fins de 1949 por Leôncio de Oliveira Cunha. "O desenvolvimento da povoação foi rápido e absorvente. As vendas de lotes e datas atingiram números verdadeiramente impressionantes. Pessoas de todas as categorias sociais e provenientes do estado de São Paulo, Minas Gerais e outras unidades da União compraram datas e sítios em Paraíso do Norte. Dentro do curto período de três anos, o patrimônio de Paraíso do Norte era uma cidade de milhares de habitantes. Somente na sede municipal existiam nada menos de 500 casas, e a população rural atingia a casa de doze mil habitantes" (IBGE - *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* - volume XXXI - página 357 - Rio de Janeiro - 1959).

³⁹ Esta visita aconteceu em fevereiro de 1952. Ele fez um relatório de viagem, que foi publicado em forma de livro sob o título: "Minha Viagem à região Missionária de Paranavaí" pela Livraria N. Sra. do Carmo de Paranavaí.

⁴⁰ Sobre esta ida de Frei Ulrico a Paraíso do Norte encontram-se detalhes interessantes no livro: "Minha Viagem à Região Missionária de Paranavaí", páginas 20-22.

⁴¹ Em 25 de julho de 1960, pela Lei Estadual nº 4.245, tornou-se município com o nome de Nova Aliança do Ivaí.

caminhão e mais tarde numa pequena escola ⁽⁴²⁾, que nós mesmos havíamos construído. Mas não se podia ficar assim por muito tempo. Após ter sido determinado o terreno para a capela sob certas desavenças, prometi a visita do nosso bom Bispo se a capela de 14x7m ficasse pronta em mais ou menos três semanas. Isto despertou um fervor e um tamanho entusiasmo como eu raramente tinha visto. O pessoal roçou, queimou e trabalhou dia após dia até tarde da noite. O trabalho foi coroado de êxito: em apenas três semanas a cúpula estava pronta. Quando o Bispo chegou para a bênção deu para esta capela o nome de "Capela Relâmpago". Durante o almoço na casa de madeira do meu querido amigo Benedito Borin, que faleceu pouco tempo depois ⁽⁴³⁾, até cerveja apareceu sobre a mesa. Naquela época eu, todavia, não tomava cerveja por causa de uma promessa que havia feito num momento em que corria grande perigo de vida ⁽⁴⁴⁾. Quando sua excelência perguntou-me o motivo da minha abstinência de cerveja e dei-lhe a minha explicação, ele me disse: "Escute, Frei Ulrico, eu sou agora o seu Bispo e como tal vou mudar a sua promessa. Assim em lugar de ficar sem tomar cerveja o senhor terá que rezar anualmente uma santa missa pelas almas do purgatório". Eu acho que as almas do purgatório estão muito contentes com a troca... e eu também estou.

Sobre uma outra construção de capelas, que ainda está bem nítida na minha memória, quero também contar. Certo dia chegou um homem e me pediu para ir com ele até sua cidade. A companhia, que havia fundado esta cidade, era muito rica. Já tinham sido construídas aproximadamente 50 casas e também existia um armazém com um grande escritório. A nova cidade chamava-se Santa Isabel do Ivaí e fica mais ou menos a 80 km de Paranaíba. Dei a resposta afirmativa, pois eu queria ver de uma vez todo esse negócio. Dias após fui levado por um caminhão. Um funcionário da firma ⁽⁴⁵⁾ me recebeu muito friamente. Expus-lhe o meu desejo e disse-lhe que queria celebrar ali a primeira missa de acordo com o desejo dos fiéis. Ele agiu azedamente e achou que não dava. Diante disso disse-lhe que Santa Isabel do Ivaí pertencia à minha paróquia e que na manhã seguinte eu celebraria ali, mesmo que tivesse que ser contra a vontade dos funcionários da empresa. Quando ele percebeu que não podia tão facilmente me dobrar, mudou de opinião e me deu a licença para visitar todas as casas e obras e para procurar um local apropriado para a celebração da missa. Num pretense hotel, que ainda não estava totalmente pronto, encontrei uma sala apropriada. À noite rezamos o terço comunitariamente e na missa da manhã seguinte mais ou menos 50 fiéis comungaram. Quando quatro semanas mais tarde voltei em Santa Isabel do Ivaí ⁽⁴⁶⁾, celebramos a santa missa num novo e grande depósito. Mas isso não era uma solução definitiva, também ali devia-se construir uma capela. Como todas as pessoas ali quase sem exceção trabalhavam para a companhia, eram também dependentes da mesma. Por isso tive que primeiramente negociar com a colonizadora. O dono não morava no local e eu também não queria parlamentar com o antipático funcionário. Consegui o endereço do chefe principal ⁽⁴⁷⁾ para pessoalmente apresentar-lhe o meu desejo. Ele morava em São Paulo e como além disso eu tinha algo a fazer naquela cidade, uni o útil ao agradável.

⁴² Situava-se no chamado Guaritá Velho, ou seja, no lado esquerdo da saída do povoado, em direção a Paraíso do Norte.

⁴³ O senhor Benedito Borin faleceu no dia 19/11/1953. Provavelmente Frei Ulrico colocou São Benedito como padroeiro da Capela por causa da grande amizade que mantinha com o Sr. Benedito Borin.

⁴⁴ Frei Ulrico fez esta promessa quando voltava de suas férias passadas na Alemanha, em 1949. Três hélices do avião começaram a apresentar defeitos perto de Casablanca, no Marrocos. O aparelho começou a cair. No desespero do momento Frei Ulrico apelou para Santa Terezinha, pois era um grande devoto da santa carmelita francesa, por isso, prometeu que se não morresse iria deixar de tomar cerveja, o que para um alemão deve ser muito difícil.

⁴⁵ Provavelmente Gustavo Brigagão.

⁴⁶ Nesta ocasião Frei Ulrico almoçou na casa de Lucas e Felicita Siebert, pois os conhecia de Graciosa. Naquela época o Sr. Lucas estava construindo o escritório da Companhia, por empreita. Sob a sua orientação trabalhavam 15 empregados. A família Siebert já tinha os filhos Ivo e Arnoldo, que mais tarde estudaram no Seminário de Graciosa.

⁴⁷ Tarquínio Marques Ferreira.

Graças a Deus eu tive sorte e o encontrei em casa. O bom homem, porém, arregalou os olhos quando manifestei os meu três pedidos. O primeiro pedido, o mais urgente, era a construção imediata de uma igreja para aproximadamente 500 pessoas. O segundo seria para ele me dar três chácaras que seriam incorporadas ao patrimônio da igreja. Por último pedi ainda entre 20 e 30 alqueires de terra que seriam para um futuro seminário. A reação dele foi interessante. Eu tive a impressão de que o homem caiu das nuvens por causa da ousadia destes pedidos. Depois de longas conversas aqui e ali, entramos em pormenores. Mas começar imediatamente a construção da igreja ele achou impossível:

"Eu não tenho um local apropriado para a igreja e mesmo que o tivesse, continuaria sendo impossível começar já a construção". Então olhamos o mapa da cidade de Santa Isabel e eu lhe pedi uma quadra nas proximidades do novo hotel. "Não", respondeu, "Esta não pode ser, pois aqui será mais tarde uma bela praça". Porém finalmente ele cedeu e eu ganhei a quadra para a construção da igreja. Por causa da urgência de início da obra aconselhei-o a servir-se do seu rádio amador para perguntar em Santa Isabel se os tratores estavam funcionando, se a serraria tinha madeira e se havia tijolos na olaria. O grande homem foi ao seu rádio amador, mexeu pra cá e pra lá até conseguir ligação. Minutos após, chegou a decisão e ele rindo disse: "Em Santa Isabel acham que dá, portanto, construa a sua igreja".

O primeiro ponto estava satisfatoriamente resolvido, agora vinha o segundo ponto: o patrimônio para a futura igreja. Ele me mostrou novamente o mapa de Santa Isabel e me explicou que todas as chácaras entretanto estavam vendidas, só havia uma grande que até no dia anterior ainda estava à venda. Pedi-lhe esta e outra vez ele utilizou o seu rádio amador e deu a ordem para não venderem aquela chácara. Também este pedido estava satisfeito. Assim eu tinha conseguido relativamente depressa a licença para a construção da igreja e o patrimônio seguro no bolso.

Quando iria arriscar novamente o meu último pedido, ele antecipou a resposta: "Senhor padre, por hora chega, eu darei para a sua Ordem, no futuro, um bom pedaço de terra". O futuro é indeterminado e longo e eu creio que este bom pedaço de terra é mais uma promessa vazia.

OS COLONOS

Agora quero contar algo sobre as pessoas que chegam aqui, nestes lugares novos, para colonizar a terra. Muitas vezes são refugiados de outros estados ou países, que querem construir uma nova vida. Por isso temos também uma mistura internacional aqui reunida. Graças a Deus não vêm só aventureiros, mas também pessoas e famílias íntegras, que dão gosto ao missionário. Outros, pelo contrário, têm um passado duvidoso atrás de si e querem continuar a sua velha safadeza neste novo local. Quantas vezes nestes primeiros anos de meu trabalho aqui me aconteceu de algum colono chegar até mim e confidencialmente me contar que havia cometido um erro. Outro, que praticou um crime hediondo e tem até mesmo uma morte na consciência. Para limpar o passado todos dão um sumiço nos documentos e providenciam novo registro de nascimento. Com um novo nome querem agora começar uma nova vida. O que mais posso fazer com estas pessoas senão ajudá-las o máximo para que possam se tornar novamente membros úteis de uma comunidade? Entretanto é bem desagradável quando volta e meia aparece por aqui uma mulher com filhos, mostrando fotografias e afirmando ser mulher legítima deste ou daquele homem, que agora utiliza outro nome. Geralmente o "marido" em questão desaparece durante a noite, atravessa o grande rio e no outro lado, na imensa região florestal do Mato Grosso, recomeça tudo de novo. Pode ser que lá ele tenha mais sorte, talvez, porém, seja surpreendido alguns anos depois pelo mesmo destino e deva outra vez sumir diante da própria família.

Pior, no entanto, acontece com aqueles que já de antemão vêm pra cá com o propósito de continuar a sua vida imoral. Eles acham um trabalho bem lucrativo, por exemplo: derrubam 10 alqueires de mato e recebem pelo serviço um bom dinheiro. Então põem-se a

gastar seus ganhos com bebidas e comidas ou desperdiçam tudo em orgias dos mais levianos modos. A seqüência é então frequentemente: roubo, morte e homicídio. Aqui foram poucos os meses em que não tivemos um morto por assassinato para enterrar. Mas nem sempre a vítima fazia parte desta leviana corja. Muitos casos de assassinatos aconteceram por motivo de terra e direito de posse.

Isto acontece, quando por exemplo, para um mesmo pedaço de terra se cruzam de repente dois ou mais legítimos proprietários. Cada um deles apresenta um pretensão documento legal e reivindica a terra para si. Um não quer ceder e o outro faz a mesma coisa. O fim da discussão é o revólver que aqui resolve tudo. Com razão pergunta-se como podem várias pessoas possuírem documentos legais para as mesmas terras? Existem também documentos muito antigos e que ninguém tinha conhecimento. A terra não era habitada antes e o proprietário não tinha interesse em colonizá-la. Um pequeno exemplo: dois anos atrás foram-me doados 80m cúbicos de madeira em toras. Ficavam somente a 5 km de Paranaí. Mas não valia a pena buscar a madeira, porque não havia uma estrada transitável na mata. Se eu próprio fizesse o caminho, então o molho ficaria mais caro do que o peixe. Por isso simplesmente deixo a madeira lá. O mesmo acontece também com a terra. Primeiramente não se tem interesse, mas quando a região é aberta e desmatada, chegam as pessoas com seus documentos de propriedade do século passado sendo que o Estado já repassou essa terra para algumas colonizadoras. Estas, por sua vez, venderam-na em pequenas parcelas aos colonos, portanto temos assim dois legítimos proprietários. Muitos colonos são atingidos por esse tipo de injustiça e acabam se revoltando entre si.

No mês passado foram enviadas tropas do exército a fim de impedirem grande derramamento de sangue entre os 4000 colonos que se defendiam contra semelhante injustiça ⁽⁴⁸⁾.

Como surgiram estes documentos antigos, do século passado? Uma grande parte destes foram emitidos no tempo do imperador Dom Pedro II. Quando a Guerra do Paraguai (1865-1870) terminou, como o caixa imperial estava vazio, as tropas vencedoras foram pagas com terras legalmente documentadas.

Uma outra fonte de documentos antigos: quando foi feito o levantamento topográfico do nosso Estado do Paraná, alguns corajosos engenheiros-topógrafos colocaram-se voluntariamente à disposição. Durante meses moraram na mata virgem, percorreram rios e enfrentaram todos os perigos. Com a conclusão do difícil trabalho o governador doou-lhes alguns 10.000 alqueires de mato. O tempo foi passando, o mato cortado e colonizado e ninguém imaginava que a terra havia sido doada.

Existem casos de documentos falsos cuja falsidade não se tem como provar. Há também os casos das pessoas que compraram terras por muito dinheiro, para aplicarem o seu capital e receberam documentos falsos. Agora, que a terra está colonizada, eles se interessam naturalmente pela "sua" terra e fazem valer o seu direito.

Graças a Deus que a situação, entretanto, melhorou. O Estado agora intervém, colocando seus funcionários públicos nos locais bastante povoados. Se hoje alguém chega com documentos antigos e quer expulsar de sua fazenda um proprietário de boa fé, então ele deve - se tiver em mãos uma prova bem concreta de propriedade - pagar todas as benfeitorias efetuadas na discutida fazenda. Muitas vezes a soma é tão alta que ele prefere desistir e se retirar.

Uma outra causa pela qual podem acontecer conflitos de terras: uma colonizadora

⁴⁸ Alusão aos fatos acontecidos em Francisco Beltrão, PR. O destacamento do Exército ocupou a cidade no dia 10 de outubro de 1957. Este dia é considerado o DIA DA REVOLTA DOS POSSEIROS DO SUDOESTE DO PARANÁ (cf. Martins, Rubens S. "*Entre jagunços e posseiros*", Curitiba, 1986, página 399).

fraudulenta diz que cerca de 20.000 alqueires pertencem a ela e vende a gleba em pequenas partes de 5 ou 10 alqueires por um preço barato. A colonizadora tem, por exemplo, sua sede em São Paulo, muito longe do local, e o comprador não tem talvez até mesmo interesse concreto de cultivar logo a sua terra. Ele quer só adquirir para especular e vendê-la alguns anos mais tarde por um preço muitas vezes maior. Ou se a terra for colonizada e ele quiser nela se estabelecer, vai até lá e vê que já está "ocupada".

Reclamação junto aos serviços públicos não dá em nada. Rindo lhe dizem: "o senhor é mais uma das inúmeras vítimas desta colonizadora fraudulenta. O senhor realmente teve azar". E com isto o caso está resolvido.

Se houver conflito por causa da posse da terra e acabar em tiroteio, nem sempre são os implicados que lutam um contra o outro. Muitas vezes são contratados elementos sujos para este trabalho de "justiça". A boca do povo deu-lhes o nome de "capangas" (⁴⁹).

Um destes, da pior qualidade, chamava-se João Pires (⁵⁰). Que magnífico nome! Quantas vidas-humanas este Pires tinha na sua consciência não sei dizer. Durante anos pensei em silêncio: Espera um pouco, seu Pires, e chegará o teu dia de cair liquidado no chão! E acertei. Num determinado dia o Pires encontrou seu justiceiro. Gravemente ferido foi trazido para Paranavaí em cima de um caminhão. Apesar de ter levado muitos tiros, conseguiu sobreviver por algum tempo e pediram-me para ministrar-lhe os últimos sacramentos. Fiz a minha obrigação sacerdotal. Algumas horas mais tarde ele levantou-se da cama e chamou o médico. Quando este apareceu, pediu-lhe para curá-lo até o ponto de estar em condições de se vingar do seu inimigo e poder matá-lo a tiros. Isso não era um bom propósito diante das portas da morte. De repente arregalou os olhos e gritou desesperado: "Ali vem o diabo para me buscar!" Depois disto caiu de volta na cama e estava morto.

Um dos seus "colegas" tinha o nome "Gustavo, o grande brigão". Algumas histórias horripilantes o povo contava sobre ele. Numa determinada noite também ele encontrou, conforme sua categoria, o seu fim:

o seu próprio motorista deu-lhe tiros à queima-roupa. Quando no dia seguinte fui levado para o sepultamento e dei uma olhada no quarto do falecido, em sua casa, deparei-me em lugar de uma cruz, que em vão procurava, com o cano de uma pistola.

Dois homens eram muitos amigos. Um morava na margem direita do grande rio Paraná e o outro na margem esquerda. Quando num determinado dia o amigo da margem esquerda soube que o outro falou mal dele, pegou o seu bote e atravessou o rio. Na hora de cumprimentar o seu "amigo" - aqui no Brasil cumprimenta-se dando um abraço - ele enfiou-lhe nas costas a peixeira, cravando-a no coração (⁵¹). Depois disto deixou tudo como estava e remou de volta para o outro lado. No meio da travessia encontrou os dois filhos do assassinado e gritou-lhes: "Visitei o pai de vocês. Ele tratará vocês melhor, no futuro". Na outra margem encontraram o pai morto. No entanto eles não se vingaram como se esperava normalmente, mas de certo modo ainda agradeceram ao assassino por tê-los livrado de um mau pai. Também isto acontece por aqui. Poderia ainda contar outras tantas histórias, mas quero terminar este horrível capítulo. Eu quis com o mesmo descrever os primeiros anos de colonização de uma região nova. Entretanto as condições melhoraram muito por aqui e o

⁴⁹ Também conhecidos como jagunços ou "quebradores de milho". O povo guarda na memória, entre outros, os nomes dos seguintes capangas: Guri, Nocera, Narciso Barbudo, Napoleão, Pedro Krüger, Macaúba, Canjerana, Maneco Borges, Pracídio, Chico Catingueiro, Laurentino, Frutuoso.

⁵⁰ Era originário do Estado de São Paulo e cuidava dos "grilos" de terra na região de Loanda e Santa Isabel do Ivaí.

⁵¹ Há quem afirme que se trata de um dos crimes praticados pelo "Capitão" Teimo Ribeiro. Outro crime em que o "Capitão" esteve envolvido e que causou grande repercussão foi o assassinato covarde e a traição do jovem Alcides De Sordi. Para maiores detalhes deste crime consultar o livro "*Política Local*" do professor José Carlos Alcântara, páginas 60-65.

Estado intervém com a justiça e a polícia sempre que em algum lugar há barulho. Nem por isso estes criminosos perdem os seus "negócios", pois mudam para outro Estado onde encontram ainda "trabalho". O próximo Estado, "agraciado" com estes elementos, deve ser o Mato Grosso. Lá nos primeiros anos não acontecerá nada diferente do que aqui no Paraná, até o dia em que o governo do Estado se tornar o senhor da situação e colocar lei e ordem.

O DESTINO DOS ÍNDIOS

"Onde os colonos chegam, desaparecem os índios, os aborígenes do lugar" - esta é regra comum. Entretanto diante da palavra "índio" no Brasil não se deve mais pensar naquela enaltecida raça com a qual o Karl May nos entusiasmou quando adolescentes. Os índios, aqui no Brasil, estão em extinção. Eles vivem de maneira tão primitiva, que de uma própria cultura nem se pode mais falar. Eles se alimentam de lesmas e frutos silvestres, ou roubam milho e mandioca das roças dos colonos. Não possuem casas fixas ou alojamento, geralmente dormem no chão a céu aberto. Por isso não é de se admirar que tenham uma saúde muito precária. A tuberculose é a doença mais freqüente que os ataca. Também os conceitos morais não são mais colocados em prática. A justiça praticam por conta própria.

Quando sete anos atrás aceitei a região missionária de Paranaíba, havia ainda alguns índios aqui na região. Por causa da afluência em massa de colonos, eles se retiraram para a floresta do outro lado do rio Ivaí. Como os índios usam ainda sua própria língua é extremamente difícil a evangelização. Tempos atrás um capuchinho decidiu dedicar-se completamente nesta tarefa. Mas não conseguiu porque não conseguia se fazer entender. Ele literalmente comprou um Jovem índio de lá e na verdade pagou pelo índio o seu velho chapéu de aba larga como preço. No momento ele está em Paranaíba e começou a fazer um dicionário da língua indígena perguntando por meio de sinais ao menino. Mais tarde ele quer novamente levar a estas criaturas o anúncio do evangelho. Será que ele vai conseguir? De todo jeito será um trabalho muito difícil.

Por ocasião do Congresso Eucarístico mundial ⁽⁵²⁾ no Rio de Janeiro, tive a oportunidade de visitar uma exposição indígena. Meu guia na exposição foi um padre, que por quase 40 anos trabalhou como missionário no meio dos índios no Amazonas. Meu Deus, o que ele contava! Quando ele me falou das suas ricas experiências neste trabalho fiquei quase com vergonha. Comparando com as dificuldades e sacrifícios daquele homem, o meu trabalho no Brasil não é nada. No entanto, eu às vezes fiquei orgulhoso por causa de tudo que eu já tinha feito e conseguido. Diante do relato do missionário dos índios fiquei interiormente bem quietinho e retornei muito humildemente a Paranaíba.

FINALMENTE CHEGOU AJUDA DA ALEMANHA

Depois do Frei Henrique, do qual já falei algo, chegou como ajuda o Frei Boaventura Einberger. Que alegria quando chegou a tão desejada notícia da Alemanha: no dia 08/03/53 o navio chegaria em Santos trazendo o Frei Boaventura. Com ele veio a sua cunhada ⁽⁵³⁾ de Bamberg e os três filhos dela ⁽⁵⁴⁾. Todos queriam trabalhar na missão. Agora estávamos em condições de pensar na construção de um seminário e de cumprir a promessa que o provincial Jacobus Beck tinha feito aos colonos alemães de Graciosa: "Eu lhes mandarei um padre alemão" ⁽⁵⁵⁾. Logo nos primeiros dias fui com Frei Boaventura para Graciosa a fim de estudar "in loco" as possibilidades. Grande foi a alegria dos graciosenses, quando ouviram que finalmente o antigo desejo iria se realizar. De todos os lados chegaram pessoas para

⁵² Realizado em julho de 1955.

⁵³ Ana Einberger.

⁵⁴ Franz, Elmar e Karl Otto Einberger.

⁵⁵ Maiores detalhes são encontrados no livro: "*Minha Viagem à Região Missionária de Paranaíba*", nas páginas 27-30, onde Pe. Jacobus relata sua estada em Graciosa.

ver e cumprimentar o novo padre. A comissão da igreja ⁽⁵⁶⁾ se prontificou imediatamente a alugar uma casa perto da igreja que serviria temporariamente como casa paroquial e moradia para a família Einberger. Frei Boaventura mudou com seus parentes para Graciosa ⁽⁵⁷⁾ e depois de ter se acostumado, já começou a ensinar latim e matemática aos jovens. Não teve problemas com a língua, pois todas as famílias de Graciosa falam alemão. Como sala de aula utilizou-se inicialmente a sacristia. Pará um começo, tudo bem, mas era algo provisório que devia ser solucionado. A construção do seminário tornou-se uma necessidade urgente. Nesta tarefa nosso Frei Boaventura, que é um homem muito prático, pôde desenvolver todas as suas habilidades. Inicialmente foi necessário providenciar o terreno. De um colono ganhou meio alqueire, de outro um e de um terceiro dois, finalmente conseguiu ganhar um total de 15 alqueires ⁽⁵⁸⁾. Só que houve um probleminha: as doações estavam espalhadas. Com muito jeito conseguiu através de trocas e mais trocas juntar toda esta terra. Felizmente há no terreno uma mina que garante o abastecimento de água. Futuramente pensa-se em utilizá-la para irrigação e represa para banho. Duma pedreira ⁽⁵⁹⁾ não muito longe do futuro seminário foram retiradas as pedras para o fundamento e uma olaria ⁽⁶⁰⁾ forneceu os 100.000 tijolos para a construção. As famílias colocaram-se à disposição para trabalhar de graça alguns dias por mês na construção. Assim o Frei Boaventura dividiu toda a comunidade paroquial em grupos de serviço. Para angariar fundos fizeram festas, como já as descrevi anteriormente. A festa principal foi por ocasião da bênção da pedra fundamental. A maior atração foi a seguinte: havia 4 martelos, sendo um dourado, outro prateado, o terceiro de ferro e o último de madeira. Uma batida com o martelo dourado custava 500 cruzeiros, com o martelo prateado 200, com o de ferro 100 e com o de madeira 50 cruzeiros. O povo ficou muito entusiasmado. E por causa da boa finalidade da promoção um ou outro "martelou" neste dia até o seu último centavo. Com o empenho de uma abelha acompanhado pela paciência de Jó, Frei Boaventura se lançou na obra.

Hoje a construção está pronta na sua parte exterior. Falta muito ainda, tanto no acabamento interno como no mobiliário ⁽⁶¹⁾. Há também a falta de professores. Por enquanto Frei Boaventura e seus sobrinhos lecionam todas as matérias, preparando assim os meninos para a prova de admissão ao ginásio em Paranavaí. Graças ao empenho de Frei Boaventura surgiu no meio da floresta uma obra significativa. Queira Deus que esta obra que já custou tanto sacrifício e suor cresça e seja coroada de êxito ⁽⁶²⁾.

VISITA IMPORTANTE DE ROMA

Certo dia ⁽⁶³⁾ recebemos uma visita importante do reverendíssimo Assistente Geral dos

⁵⁶ A comissão era presidida pelo Sr. José Vendolino Schüroff. Faziam também parte da mesma: Oscar Feuser (secretário), Antônio Haweroth (tesoureiro), João Eising, José Otterbach e José Rech.

⁵⁷ A casa pertencia ao Sr. Augusto Iber.

⁵⁸ Quem doou terras para o Seminário foram as seguintes pessoas; Gregório Selhorst (5 alqueires), João Eising (4 alqueires), Clemente Selhorst (2 alqueires), Leopoldo Meurer (2 alqueires), Huberto Selhorst (1 alqueire) e Aloísio Selhorst (1 alqueire), (Cf. Knoblauch, Joaquim. "25 Jahre Karmeliten der Oberdeutschen Provinz in Brasilien", Bamberg, 1976, pág. 16).

⁵⁹ A pedreira estava localizada na propriedade do Sr. Jorge Schüroff. As pedras foram transportadas em carro de boi. Hoje a propriedade pertence ao Sr. Lauro Schüroff.

⁶⁰ A olaria foi montada por João Brüning em 1952. Posteriormente vendeu-a ao Sr. Evaldo Vandresen. Estava situada junto ao rio em frente ao atual campo de futebol.

⁶¹ O seminário ficou totalmente pronto, do jeito que está até hoje, em 1964.

⁶² O êxito que Frei Ulrico se refere é à formação de padres. Ali estudaram os seguintes padres: Frei Enedino Caetano Pereira (1963-64), Frei Wilmar Santin (1964-68), Frei Paulo Mendes (1965), Frei Gentil Lima (1968-71), Frei Josué Ghizoni (1968-71) e Frei Antônio Babeto Spinelli (1969-72). O diácono permanente, Antônio Carlos de Faria, estudou o ginásio em Graciosa. Mas se o Seminário de Graciosa não teve grande êxito na formação de muitos padres, alcançou êxito na formação de muitos jovens, que hoje estão dando uma valiosa contribuição à sociedade nos mais variados campos. Em geral todos afirmam que a passagem pelo Seminário de Graciosa foi uma experiência muito positiva.

⁶³ Início de 1955.

Carmelitas, padre Jacobus Melsen, de Roma. Ele, aproveitando sua vinda ao Brasil por outros motivos, quis conhecer de

perto a nossa nova fundação. Tão logo chegou, pediu-me para subir com ele na torre da igreja. O caso é que o importante homem tinha que carregar pelo menos uns 25 kg a menos do que eu e por isso, como um esquilo subiu as íngremes escadas. Quase me faltou a respiração quando tentei segui-lo na mesma velocidade. Ao chegar no topo ele estava profundamente satisfeito, pois de lá tem-se uma magnífica vista de toda a redondeza. Além disso ele jamais imaginara que se pudesse construir com madeira uma torre tão alta.

No dia seguinte fomos com o nosso jipe para Graciosa visitar o Frei Boaventura. Também lá ficou muito satisfeito com tudo o que já tínhamos feito e ainda planejávamos fazer. Durante a volta para Paranaí fomos surpreendidos por uma pesada chuva tropical. Os pingos da chuva eram tão grossos como lágrimas de crocodilo de uma avó e em pouco tempo a estrada tornou-se intransitável. Três caminhões já estavam atolados e gotas de suor apareceram-me na testa quando vi a situação. Ali eu precisaria passar com o jipe, apesar de ter tirado a carteira de motorista só algumas semanas antes e ainda só tinha sido aprovado por um triz e por muita "misericórdia". Meu jipe de repente ficou atravessado na estrada. Evidentemente eu tinha mais uma vez feito uma barberagem. Envergonhei-me terrivelmente diante da celebridade romana e por nervosismo eu mexia ora com uma, ora com outra alavanca. Ufa, finalmente a máquina andou. Quando a estrada ficou um pouquinho melhor e eu tinha me acalmado um pouco, arrisquei dar uma olhadinha para o meu importante hóspede ao lado. Então eu vi como as jaculatórias saíam de sua boca parecendo raios lubrificadas. Não era de se admirar, pois quem poderia, sem temer pela própria vida, sentar-se ao lado de um motorista tão barbeiro? No mais, o senhor assistente geral era muito gentil. Fiquei muito contente por ele não fazer nenhuma observação sobre o desleixo da minha contabilidade. Espero que por causa disso ele não vá para o purgatório.

O hóspede de Roma teve uma especial alegria com os Três Santos Reis. Isto é aqui um costume popular, semelhante ao de nossa pátria alemã. Aqui só vão homens vestidos como os santos reis de casa em casa, enquanto que na Alemanha os três reis são representados por crianças. No Brasil, além dos santos reis estão junto também Herodes e alguns soldados. O grupo vai de casa em casa cantando em versos a vida e o sofrimento de Jesus. De quando em quando vão até a igreja, ajoelham-se por meia hora diante do presépio e cantam suas canções acompanhadas de violão e tambor. Ao que parece isto agradou ao assistente geral, que entende um pouco Português, pois ele ficou junto do grupo durante uma tal hora santa. "São bastante antigas as melodias com as quais eles cantaram a vida de Jesus e de sua Santa Mãe", disse-me em seguida bastante comovido. No domingo, após a Epifania (⁶⁴), foi embora o importante hóspede. Na despedida ele nos disse: "Vocês precisam de todo o jeito de mais missionários (⁶⁵); vou pedir ao provincial para que envie logo ajuda". Sim, este logo, por quanto tempo deve-se esperar?!

DOENÇAS BATEM À NOSSA PORTA

Depois de muitos vaivéns recebemos a consoladora notícia do provincial de que Frei Alberto Foerst e Frei Burkard Lippert viriam a Paranaí trabalhar como missionários (⁶⁶). Ah, como ficamos felizes! Portanto seriam dois missionários! O nosso coração batia que nem o rabinho de um cordeiro, mas a alegria durou muito pouco. Logo depois de terem chegado, os dois novos missionários ficaram doentes. Eles sofreram falta de apetite, insônia e diarreia. Primeiramente pensei que fosse algo passageiro e acreditei que eles logo ficariam bons, porém a coisa foi se tornando mais séria e comecei a ficar preocupado. O

⁶⁴ A Epifania, festa de manifestação de Jesus como Salvador aos povos, é conhecida popularmente como "Festa de Reis" ou "Festa dos Santos Reis", celebrada dia 06 de janeiro.

⁶⁵ Naquela época estavam em Paranaí apenas os Freis Ulrico, Henrique, Alberto, Burkard e em Graciosa, Frei Boaventura.

⁶⁶ Chegaram em Paranaí no dia 07 de abril de 1954.

nosso bom Dr. Sílvio Vida! fez o que pôde, mas eles não melhoravam. Fizeram consultas em Maringá e também ali os médicos não conseguiram curá-los. Frei Burkard emagreceu a olhos vistos e adquiriu um terrível soluço. Quando ele se ajoelhava ao meu lado, na meditação, os seus intestinos faziam um barulho tão alto, que me parecia ter ao lado, um ventríloquo indígena. Com uma vontade férrea ele queria manter-se firme, mas tivemos que reconhecer que não podia mais ir adiante. Todos os médicos o aconselharam a retornar para a Alemanha, pois no Brasil não se podia esperar por melhora. Após o capítulo provincial de 1955 o Frei Burkard foi chamado de volta para a Alemanha, onde trabalha desde então como tesoureiro das missões e continua assim dedicando-se com todas as suas energias, às missões. Graças a Deus tivemos sorte com o Frei Alberto. Depois de muitas consultas e exames, finalmente descobriu-se a causa da doença. Eram amebas, que apesar de serem bichinhos minúsculos podem estragar a saúde humana. Na Westfália, para combatê-la toma-se um autêntico Doppelkorn⁽⁶⁷⁾ misturado com Underberg e Bonekamp. Mas os médicos daqui não conhecem este excelente remédio e também não querem saber. Assim o pobre homem teve que tomar uma infinidade de comprimidos para eliminar os vermes de sua barriga. Graças a Deus ele está agora bem de saúde.

Não posso esquecer o bom Bernardo Rech que veio até nós procedente de um seminário diocesano e queria tornar-se carmelita⁽⁶⁸⁾. O estudo da Filosofia ele fez no próprio seminário diocesano. Ele fala bem alemão, pois é oriundo de uma família de colonos alemães. Seus avós emigraram da Alemanha. Anos atrás seus pais mudaram de Santa Catarina junto com colonos alemães para a nossa região missionária e encontraram em Graciosa uma nova pátria. Seus estudos de Teologia pôde fazer conosco e para nossa grande alegria foi ordenado sacerdote no natal de 1955 na nossa igreja matriz em Paranavaí pelo bispo de Jacarezinho. Seu ano de noviciado⁽⁶⁹⁾ fez em Straubing (Alemanha) e no verão de 1957, já carmelita, retornou ao Brasil⁽⁷⁰⁾. Desde a sua entrada oficial na Ordem Carmelita chama-se Frei Atanásio⁽⁷¹⁾.

A CHEGADA DAS IRMÃS CARMELITAS

Fui, em junho de 1955⁽⁷²⁾, ao porto de Santos para buscar o padre provincial Frei Adalbert Deckert e o ex-provincial Frei Jacobus Beck, que faziam uma visita canônica em Paranavaí. No mesmo dia, mas um pouco mais tarde, chegaram num navio-vapor francês quatro irmãs⁽⁷³⁾. Elas estavam chegando para iniciar um trabalho de ajuda na nossa paróquia missionária. Isso era motivo de alegria, pois o nosso trabalho teria um grande impulso. Uma das irmãs⁽⁷⁴⁾ era holandesa e nasceu bem perto da fronteira com a Alemanha. Com ela pude logo conversar em "plattdeutsch"⁽⁷⁵⁾. Em certa ocasião falei ao

⁶⁷ Bebida alcoólica feita de centeio.

⁶⁸ Foi aceito no convento de Paranavaí nos primeiros dias de fevereiro de 1953. Antes havia entrado em 1942 no Seminário menor de São Ludgero (SC), onde fez o ginásio. O colegial estudou no seminário de Azambuja (SC) e Filosofia, no Rio Grande do Sul.

⁶⁹ Saiu do Rio indo para a Alemanha no dia 24/04/56. A viagem foi de navio.

⁷⁰ Pegou o navio de volta, em Gênova (Itália), no dia 02/08/57. Chegou em Paranavaí em 20/08/57.

⁷¹ Em fevereiro de 1958, portanto antes de fazer os votos perpétuos, deixou a Ordem do Carmo e foi trabalhar como vigário em Santa Isabel do Ivaí. Faleceu, vítima de câncer, no dia 08/12/61.

⁷² Mais precisamente no dia 08.

⁷³ Eram: 1) Irmã Canísia Popp, nascida na Áustria dia 01/06/1903. Fez os votos dia 23/10/1930. Mais tarde deixou de ser irmã. 2) Irmã Gabriela Scodina, nascida na Itália no dia 11/01/1896. Fez votos no dia 04/10/1927. Trabalhou muitos anos no Seminário de Graciosa e em 1968 retornou para a Itália. Faleceu no dia 24/11/1988. 3) Irmã Gracia Cavallo, nascida na Itália dia 29/09/1910. 4) Irmã Tomasina Draisma, nascida na Holanda em 04-02-1886. Fez votos no dia 07/01/1927. Trabalhou muitos anos no Seminário de Graciosa. Faleceu em Graciosa no dia 01/01/1977.

⁷⁴ Irmã Tomasina.

⁷⁵ Dialeto alemão que se fala na região onde Frei Ulrico nasceu. Muita gente de Graciosa ainda fala o "plattdeutsch". O Sr. Vendolino Schürhoff conta que na primeira vez em que encontrou Frei Ulrico já conversaram em "plattdeutsch" e Frei Ulrico chorou de emoção, pois nunca tinha imaginado que pudesse no Brasil conversar com alguém em sua língua materna.

nosso bispo de Jacarezinho que o "plattdeutsch" é a língua originária da humanidade. Como resposta disse-me que então deveria ser a língua na qual o diabo seduziu os primeiros homens. Eu não repliquei e desde aquele momento nunca mais falei deste título de honra da língua "plattdeutsch".

Fiquei um pouco temeroso quando quis adivinhar mais ou menos a idade das boas irmãs. Diga-se de passagem que isto, com mulheres que usam véus de freira, é uma tarefa ingrata. A gente sempre dá palpite errado. Deus permita que elas suportem o clima daqui, pensei com meus botões. Mas elas se acostumaram muito bem e superaram todas as dificuldades iniciais. Agora são um firme apoio no nosso trabalho missionário. Principalmente o Jardim da Infância em Paranaíba é muito bem dirigido por elas. Como já estão tendo boas candidatas por aqui, poderão em alguns anos assumir também outros trabalhos.

CRIAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO

O capítulo provincial de 1955 fez uma redistribuição dos cargos aqui em Paranaíba. Isto era necessário, pois até aquele momento todas as responsabilidades estavam sobre os meus ombros. A ampliação do convento e a pesada tarefa pastoral exigiam a divisão dos encargos. Frei Alberto tornou-se prior e tesoureiro do convento e eu fiquei com a responsabilidade da paróquia. Com isto fiquei sensivelmente aliviado e pude dedicar-me totalmente à pastoral. Frei Alberto entrou no trabalho com o ímpeto de sua juventude. Não se passou muito tempo e ele já tinha construído um belo convento de tijolos ⁽⁷⁶⁾. Também foi construída uma cozinha com refeitório. No fogão montou um aquecedor de água e agora no inverno podemos tomar banho quente. Quem teria imaginado que este "luxo" seria possível anos atrás, quando aqui era tudo floresta? No corredor, em frente aos quartos, o Frei Atanásio colocou belas plantas. Se nós agora sairmos dos nossos quartos estamos já num belo jardim. No meio do jardim fizemos um romântico caramanchão. O Frei Alberto construiu uma casa de pombos anos atrás. Este pombal está sempre superlotado apesar da irmã cozinheira fritar mensalmente uma frigideira dessas aves.

Para que o nosso convento e principalmente o seminário tenham estabilidade no futuro, devemos fazer um minucioso planejamento. Por isso o bispo dom Geraldo, que é meu amigo e protetor, disse-me já nas primeiras semanas da minha chegada: "Cuide de providenciar algumas chácaras para o futuro de sua Ordem". Portanto terras deveriam ser adquiridas para fazermos lavoura. O bom Deus busca suas vocações sacerdotais frequentemente nas famílias com muitos filhos e estas são em geral pobres. Por isso, se os pais não podem pagar, nós devemos providenciar o pão de cada dia para os nossos seminaristas. Depois de termos feito uma pesquisa nos arredores, compramos um lindo pedaço de terra por um preço barato, onde hoje temos boas criações. Já chegamos ao número de 56 cabeças de gado e 100 porcos. Alguns anos atrás mostrei à minha mãe uma foto com a casa de madeira do administrador ⁽⁷⁷⁾. Na foto dava para se ver também alguns porcos pretos. Então ingenuamente ela perguntou: "E estes pequenos animais, que estão diante da casa, são ratazanas?" Tal pergunta me deixou sem fala e como protesto permaneci calado.

Mas não ficamos só com a criação de gado. Felizmente tivemos a oportunidade de comprar outro pedaço de terra e novamente por um preço barato. Até Frei Alberto teve que ajudar no cultivo da terra. Plantou banana, uva e laranja. Se Deus quiser, futuramente não faltarão frutas nem para nós e nem aos seminaristas.

Por estranho que seja, o café é muito caro aqui, apesar de nós morarmos num Estado cafeeiro. Por isso adquirimos também uma chácara que tem cerca de 1000 pés de cafés

⁷⁶ Esse convento era onde hoje funciona a sacristia, atrás da igreja São Sebastião, na Rua Silvio Vidal.

⁷⁷ O administrador era o Sr. Nicodemus Hobold.

plantados ⁽⁷⁸⁾.

Muita coisa está relativamente no começo em nosso patrimônio. Mas nós, missionários, estamos nos esforçando para deixar uma base sólida sobre a qual haverá possibilidade de continuação. Deus queira que muitos ainda venham e colham onde nós semearmos.

A DIVISÃO DA PARÓQUIA

Como já foi mencionado, o território da nossa paróquia inicialmente tinha mais ou menos o tamanho da arquidiocese de Bamberg. Pouco depois da nossa chegada, uma parte foi desmembrada e fundada a paróquia de Alto Paraná ⁽⁷⁹⁾, que por sua vez foi subdividida em três paróquias. Mesmo assim, o território que nos restou, tornou-se muito grande para nós por causa da contínua afluência de colonos. Dar uma assistência pastoral regular era simplesmente impossível. Ficamos limitados a fazer somente casamentos e balizados. Assim, por exemplo, chegaram a ser balizadas 720 crianças em nossa paróquia num mês. Certo dia o bispo nos apresentou a alternativa: ou viriam imediatamente seis padres da Alemanha para trabalhar na paróquia e assim poderíamos continuar com o nosso território paroquial, ou a paróquia teria que ser novamente subdividida. Pela divisão, que se seguiu, tivemos que entregar Loanda ⁽⁸⁰⁾ e com isto quase a metade da extensão da nossa paróquia. Mas a divisão não ficou por aí. Foram fundadas quatro novas paróquias: Nova Londrina, Paraíso do Norte, Tamboara e Terra Rica ⁽⁸¹⁾. Todas eram nossas "capelas". Entretanto tinham crescido tanto que precisavam cada qual de um padre. Como a imigração ainda não terminou, serão fundadas outras paróquias e por conseqüência serão feitas novas divisões.

Para concluir a "História e Memórias de Paranavaí" desejo ainda dizer algo sobre:

A ALMA DO POVO BRASILEIRO

Do inglês diz-se que é o mais hábil e sabido comerciante do mundo; dos gregos afirma-se que eles produziram os melhores filósofos; sobre os alemães circulam as sentenças de que são povo dos poetas e pensadores; a Itália agraciou, porém, o mundo com os maiores pintores. Seria possível acrescentar ainda alguns outros países, pois cada povo tem o seu jeito peculiar. Do brasileiro, entretanto, desejo dizer por experiência própria: ele é o homem mais hospitaleiro e prestativo. Isso pode-se já observar nas crianças. Uma criança, por exemplo, enquanto come durante o recreio escolar, oferece seu pão à criança mais pobre, que não trouxe nada, e diz: "Qué um pedaço?" - Também o trabalhador pobre divide sua sopa de feijão com seu companheiro ainda mais pobre e fica feliz em ajudar. Quantas vezes nos longos anos, que passei no Brasil, pude presenciar este fato!

Anos atrás, quando ainda trabalhava em Recife, fui montado num jumento até um povoado à beira-mar. No caminho atrasei-me e cheguei bem tarde ao meu destino. Evidentemente não contavam mais com a minha chegada, pois como janta só me ofereceram banana e farinha de mandioca com açúcar. Em seguida rezamos comunitariamente o terço e fomos dormir. Por causa da longa cavalgada eu estava muito cansado. Mas no meio da noite - talvez fossem 2 horas - repentinamente acordei. Alguém tinha batido na porta ou na janela. Dei-me a conhecer e perguntei se eu teria que ir a um doente ou moribundo. Não, o estranho queria conversar com o meu anfitrião, o senhor Bandeira. Demorou algum tempo até que eu o despertasse e transmitisse o recado da janela. Então escutei o estranho dizer: "Aqui estão dois peixes para o nosso padre. Quando

⁷⁸ Era a chácara 38 de Jurema, hoje Amaporã.

⁷⁹ A Paróquia Santo Antônio de Alto Paraná foi erigida canonicamente dia 13/03/1952 e entregue aos padres capuchinhos.

⁸⁰ A Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Loanda foi erigida canonicamente dia 01/04/1955.

⁸¹ As quatro paróquias foram erigidas canonicamente no dia 01/11/1955. Mas a Paróquia de Terra Rica continuou sendo atendida pelos padres carmelitas até janeiro de 1958, quando Pe. Vicente Teixeira Magalhães tomou posse como primeiro pároco.

eu hoje à noite soube da chegada dele, me aprontei e fui pescar. Pesquei até a uma hora e infelizmente só peguei esses dois". No dia seguinte foi servido na mesa o delicioso peixe pescado durante a noite. Nunca na vida tinha comido um peixe tão gostoso, pois eu pensava na bondade do coração do velho pescador, que sozinho na noite escura foi ao mar com o bote e lanterna para me prestar um ato de amor.

Citarei ainda um outro fato, que a minha memória guardou: na nossa região mora um homem que no decorrer de aproximadamente 10 anos doou em torno de 200 litros de sangue. Ofereceram-lhe dinheiro pela sua doação de sangue e então receberam como resposta: "O Senhor Deus deu-me o sangue de graça, de graça também eu dou, pois nós somos todos filhos de Deus", O bom homem usa o escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Diante dele eu me envergonho. É que alguns meses atrás de repente numa situação inesperada tive que doar sangue. Após doar 200 gramas comecei a me sentir mal. O médico contornou a situação dizendo que eu já era um pouco velho para doar sangue.

O brasileiro pode ter muitos defeitos, mas na necessidade ele abre o seu largo e solícito coração. Em 1937 um velho missionário franciscano alemão me disse: "Se não existisse o sexto mandamento ⁽⁸²⁾, todos os brasileiros seriam santos". Inúmeras vezes pensei nestas palavras. Elas acertam na mosca ⁽⁸³⁾.

À bondade do coração junta-se no brasileiro um grande e profundo amor devocional por Maria. Um amor tão marcante não se encontra em nenhum outro país. Os mais efusivos e altos títulos ele acrescenta à Mãe de Deus. Ele a chama de "Nossa Senhora" ou também de "Maria Santíssima". A padroeira e rainha do Brasil é "Nossa Senhora Aparecida".

Belo e estranho é como o povo brasileiro chegou a esta invocação. Visto que a história se baseia num fato histórico e caracteriza tão bem a piedade do povo, quero rapidamente contá-la:

Em 1717 um pescador lançou sua rede no rio Paraíba, mas ao tirá-la da água, não acreditou no que via, pois em vez de peixes uma imagem de Nossa Senhora estava na rede. Não era uma obra de arte, mas só uma simples estátua de terracota. Quem a tinha feito e como ela chegou na sua rede? Ele não achou resposta para sua pergunta, mas viu nela um sinal da Mãe de Deus para tomar a imagem sob a sua proteção e venerá-la. Na sua simples casinha de pescador guardou a imagem de Nossa Senhora. A notícia do miraculoso acontecimento espalhou-se muito depressa e o povo deu à imagem o nome de "Nossa Senhora Aparecida". A devoção cresceu muito entre o povo de fé. Sob freqüentes atendimentos de pedidos foi ali construída uma capelinha e em 1745 a primeira igreja. Cem anos mais tarde começou-se a construção do atual santuário. Com o decorrer do tempo, o povoado, ao qual deu-se o nome de Aparecida do Norte, tornou-se o maior santuário do Brasil.

Que ela, a Rainha do Céu, estenda o seu manto protetor sobre o país e conduza todos os homens ao seu divino Filho. O seu manto é tão grande e largo, que todos os povos e nações têm debaixo dele seu lugar e são salvos.

"teu manto é muito grande,
ele cobre todos os cristãos,
Padroeira cheia de vontade,
proteja-nos sempre! ⁽⁸⁴⁾.

⁸² "Não pecar contra a castidade".

⁸³ Talvez hoje diante de tanta corrupção dever-se-ia acrescentar também o 7º mandamento: "Não Furtar".

⁸⁴ É citação de uma canção mariana muito popular na Alemanha, chamada "*Maria breit den Mantel aus*".